

ESPECISMO RELIGIOSO*

Fábio Corrêa Souza de Oliveira**

RESUMO: Este artigo investiga o que se pode denominar de *especismo religioso*, tendo por base o Velho Testamento, o Novo Testamento, o Espiritismo/Kardec e o Hinduísmo/Hare Krishna.

PALAVRAS-CHAVE: Animais não-humanos; Religião; Especismo; Direito dos Animais.

ABSTRACT: This article studies what can be called *religious especism*, taking as an object the Old Testament, the New Testament, the Spiritism/Kardec and the Hinduism/Hare Krishna.

KEYWORDS: Animals – religion – especism – Animal Rights

SUMÁRIO: 1) Introdução: Religião E Direito Dos Animais; *O Animal Religioso* 2) Velho Testamento 3) Novo Testamento 4) Espiritismo: Allan Kardec 5) Bhagavad-Gita: Prabhupada 6) Especismo Religioso 7) A Posição Da Humanidade. 7.1) A Questão Humpty Dumpty–Tom

* O estudo guarda origem em duas exposições realizadas no ano de 2010. Uma na Faculdade de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e outra no 3º Congresso Vegetariano Brasileiro (Porto Alegre – SVB). Texto concluído em 4 de outubro de 2011, quando se celebra o Dia dos Animais e de Francisco de Assis. A eles vai dedicado, em agradecimento, esta investigação.

** Coordenador do *Centro de Direito dos Animais, Ecologia Profunda*, Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - CNPQ). Professor de *Direito dos Animais, Ecologia Profunda* no Mestrado em Direito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), tendo lecionado cadeira com o mesmo nome na Graduação. Professor de Direito Administrativo da UFRJ e de Direito Constitucional da UNIRIO. Coordenador do Mestrado/Doutorado em Direito da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Professor da Pós em Direito do Estado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre e Doutor em Direito pela UERJ. Pesquisador Visitante e Pós-Graduação *Lato Sensu* na Faculdade de Direito de Coimbra (2004 - CAPES). Pós-Doutorado na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC - CNPQ). Pesquisador do CNPQ.

1. Introdução: religião e Direito dos animais; o *animal religioso*

A pergunta inicial, cuja resposta explica este artigo, é: por que abordar a questão religiosa na compreensão do Direito dos Animais?¹ É efetivamente importante? As considerações religiosas são relevantes ou determinantes para uma teoria dos direitos dos animais, especialmente tendo em conta a secularização que prevalece (ou parece prevalecer ou se propõe a capitanear) na doutrina jurídica/filosófica contemporânea? Não se estará aqui a investir em uma seara dispensável e mesmo contraproducente ao Direito dos Animais? Não seria melhor simplesmente desconsiderar referências religiosas?

Esclareça-se preliminarmente que se apreende religião no recorte de fenômeno histórico, cultural; o conjunto (díspar, antagônico) de crenças humanas acerca de Deus ou de algo transcendental-metafísico, fonte da lógica universal, responsável e condutor da vida, da criação, seja, portanto, convergente ou não em uma divindade (monoteísmo) ou em divindades (politeísmo). Sem embargo, as concepções religiosas investigadas são todas personalistas, afirmam a existência de uma divindade (ou mais de uma).

É certo que nem toda teoria de direitos – e esta, como já anotado, é a tônica da atualidade da Filosofia e (da Filosofia) do Direito – está alicerçada, quanto mais confessadamente, em ditames religiosos/espirituais. É notório que o Direito Natural, em que pese o apontado *eterno retorno*, notadamente o de cariz divino, está hoje praticamente abandonado, congrega, pelo menos aparentemente, poucos e muitas vezes envergonhados adeptos. As denúncias que dão conta do caráter relativista (histórico, cultural) das religiões (dos seus mandamentos, das suas profissões

de fé), o que enseja crucial paradoxo já que estas procuram se erguer e pregar pelo absoluto (invariável, imutável, atemporal, eterno), dos absurdos perpetrados (violências variadas, torturas, assassinatos, genocídios, guerras) em nome de Deus, da salvação da alma, além da composição com os *donos do poder* (instituições religiosas, elas próprias *donas do poder*, em conflito entre si pelo poder, *entre a cruz e a espada*), fatores de dominação, controle individual/social, embebidos da secularização política, econômica, levaram a um generalizado descrédito quanto a tais instâncias como lugares confiáveis, seguros, aptos a sediar ou balizar direitos e deveres. A religião em xeque(-mate?).² Daí se retratar a hodierna sociedade humana como pós-metafísica. *O desencantamento: Deus está morto, o céu está vazio, estamos sós. Cresce o niilismo, o agnosticismo, o ateísmo.*

Nada obstante movimentos em sentido contrário, as instituições/autoridades religiosas perderam força, poder de coesão, uniformidade, regência. Se o quadro ostenta cores mais intensas na geografia ocidental, em uma tradição européia e americana, a tinta já fica mais nítida em outros locais, onde o Estado não é laico. O Papa Bento XVI afirmou que os católicos devem se conformar em ser igreja de minoria. Com ares de unanimidade, a produção jusfilosófica não busca a fundamentação dos direitos humanos em qualquer instância não-humana, em uma ordem estabelecida pelo Criador ou derivada da *natureza das coisas*.³

Muito embora tal contexto divisado, existem vetores em sentido contrário, o que é próprio do processo dialético. Seja como for, conquanto uma teoria de direitos não demande uma filiação espiritual/religiosa, o fato é que as diversas convicções desta matriz, agora e ao longo do tempo, influenciaram ou se disputaram a influenciar o reconhecimento do *status* jurídico, moral, a identificação e distribuição de direitos e obrigações. Isto inclusive de maneira inconsciente ou intermediada por outros corpos ou formulações. Aliás, como o Direito dos Animais é uma teoria de direitos dos animais e não uma teoria de deveres dos animais para com os humanos, um óbice que se alega colidente: as

religiões se edificam sobre a noção de dever, de compromisso, bem como do seu descumprimento, o pecado, a culpa, a expiação. Ora: como incorporar à dimensão religiosa quem não possui dever para com Deus, para com o outro? Neste passo, vale notar, até a danação, a condenação ao inferno, é interdita aos animais. Mesmo porque, afirma-se, os animais não conhecem o arrependimento. A porta (do céu e do inferno) está fechada a eles por não possuírem senso de moralidade, logo inaplicável a lógica do merecimento.

Contudo, basta um passar de olhos pelo panorama do Direito dos Animais para notar as inúmeras referências religiosas encontradas amiúde, denotando um esforço para construir um arquétipo compatível com a percepção espiritual, computada a diversidade de assimilações. É o que explica a tese de que Jesus era vegetariano (ou vegano) ou de que não era, contra a sua vontade, porque o momento histórico não permitia; a tese de que Jesus não pregou o vegetarianismo porquanto as pessoas da época não entenderiam; ou a tese de que pregou, mas aqueles que o sucederam suprimiram este ensinamento. A *Revista dos vegetarianos*, de ampla circulação, em bancas de jornais, estampou, na sua edição nº 10, a pergunta: “Era Jesus vegetariano?” Qual a importância de saber isto? De indagar acerca da dieta crística? Se para muitos nenhuma, para outros a relevância é muita.⁴

Na mesma linha, o apelo suscitado pela questão explica Francisco de Assis aparecer reiteradas vezes em listas de vegetarianos. É o que explica um segmento na linha espírita sustentar que os animais têm alma e mesmo a metempsicose, apesar de tais assertivas não constarem da *Codificação* (Kardec). O mesmo motiva a labuta de reinterpretar trechos do Velho Testamento em dissonância com a leitura usual e mesmo em tensão com a linguagem redacional empregada, com a tradição. Isto sem mencionar a proibição categórica, pelo próprio Deus, de comer carne, como se assevera a partir dos Vedas; pilar, por exemplo, entre os chamados *Hare Krishnas*.

Por que o apelo a conotações religiosas no âmbito do Direito dos Animais? Porque a teoria dos direitos animais, consoante concebida por muitos, não é indiferente à religião: a religião é tida como um fator elementar ou mesmo indispensável a fim de conferir solidez, coerência ou aceitabilidade à doutrina dos direitos dos animais. Se tomarmos a Ecologia Profunda em foco, veremos que considerações espiritualistas, que *religious views* estão ou podem estar presentes, ocupando o nível 1 do diagrama desenhado por Arne Naess, aquele onde estão sediados os fundamentos últimos ou premissas (*supporters*) da *Deep Ecology*. Assim, os conceitos de *Ecosophie* e de *self-realization*. Entre os nomes mais proeminentes da Ecologia Profunda, alguns declaram publicamente a sua afinidade teológica, como Arne Naess, Bill Devall e Fritjof Capra.

Todavia, o que impulsiona e delinea este estudo não é o exame da religião enquanto arrimo ou pauta para o Direito dos Animais, em uma feição positiva, de contribuição para levantar a consciência da dignidade intrínseca dos seres não-humanos. O que se faz por ora é uma análise de caracteres religiosos refratários ou impeditivos do Direito dos Animais, ou seja, a mira está no aspecto negativo. Isto é: como dogmas, assertivas espirituais, da teologia, constituem obstáculo ou rejeição à admissão da titularidade de direitos para além da espécie humana. A religião, mote central formador do senso comum, é poderoso ingrediente do caldo cultural avesso ao Direito dos Animais. E, apesar de algum enfraquecimento, não pode ser subestimada ou relegada na investigação da problemática concernente à imagem que os seres humanos, majoritariamente, têm dos seres não-humanos e das relações que mantêm com eles. É lugar-comum: Se Jesus comia peixe, como objetar tal prática? Argumento de autoridade: Se o filho de Deus (ou o próprio Deus) adotou tal dieta, que arrogância apregoar diferente! Afinal, a pretensão é ser mais do que Jesus?

O argumento anterior, que pode soar simplório ou irrelevante para uns, é determinante para tantos outros. Por exemplo, negar

que os animais possuem alma, como já se afirmou para as mulheres, negros, índios, é pressuposto ou estratégia de dominação. Esta, junto com outras sentenças, colaborou sobremaneira para naturalizar a subjugação dos animais. Ora bem: é indubitável que, se o cristianismo (ou o catolicismo) tivesse abraçado o vegetarianismo, a idéia de que toda vida conserva valor inerente, a situação dos animais, da natureza, seria deveras distinta, melhor. Igual se diga para o islamismo, para o judaísmo. Enfim, a rigor, para a generalidade das religiões, inclusive – contadas as diferenças de entendimentos ontológicos, mais favoráveis, ao menos potencialmente, aos demais seres, vez que na aceitação, *e.g.*, que toda entidade viva detém alma – o hinduísmo (ou parcela dele), o budismo (ou parcela dele). Como se sabe, há budistas que comem carne e budistas que se opõem peremptoriamente a isto. Para tais comunidades, a discussão acerca do consumo de carne, peles, entre outras condutas, incorpora eminentemente o componente religioso, dado prejudicial para o juízo de concordância ou de discordância com tais práticas. É, pois, no campo religioso que a reflexão ou a conversação são postas.

Interessa abordar a religião no que tange ao Direito dos Animais por dois motivos: 1^o) a opressão humana diante dos animais pode ser entendida, ao menos parcialmente, tendo por esteio receituários religiosos; 2^o) a religião pode ser libertária, abolicionista da exploração humana perante os animais. Calha registrar que sentimentos como bondade, amor, caridade, compaixão, muito embora se propugne que não são imprescindíveis para que se admita que alguém é sujeito de direitos, não são necessariamente sentimentos menores. Se é verdade que a noção de caridade pode ser a de uma liberalidade, a depender da benevolência, de algo fornecido por favor (esmola), sem que haja, portanto, um direito ao qual corresponda um dever, ela pode ser também emancipatória, evoluir para um arranjo de direitos e obrigações, mas sobretudo ocupar um espaço não regido pela juridicidade, talvez nunca disciplinado pela legislação, e nem por isto invariavelmente menos importante. Compaixão não é

um sentimento inferior, indigno ou inconciliável com uma teoria de direitos: compaixão, na sua melhor tradução, significa identificação com o outro, um sentido de irmandade, de se pôr no próximo (humano e não-humano) a ponto de uma união.

Atente-se: se as postulações de que o ser humano é o único animal racional, de que é o único detentor de linguagem, de que é o único ser social, de que exclusivamente ele produz cultura, de que é o único animal capaz de assumir ou, mais rigorosamente, de entender que possui deveres, de que carrega a exclusividade de ser agente moral – estas duas últimas assertivas, notadamente a segunda, amplamente admitidas, incluso entre os defensores dos direitos dos animais –, entre outras tantas investidas na linha de assim singularizar a humanidade (como, *v.g.*, o ser humano é o único animal que ri, que sente saudade, que projeta o futuro), atributos privativos (e não compartilhados em graus e/ou qualidades), já foram contestadas, atestadas falsas, transformadas em terras movediças,⁵ a última fronteira, que se espera derradeiramente intransponível, é proclamar que o humano é o único *animal religioso* (Keith Thomas).

A afirmação pode ser assim desmembrada: 1) o ser humano é o único animal eterno, isto é, somente ele possui alma; 2) o ser humano é o único animal que se interroga sobre Deus, acredita ou sabe existir a divindade; 3) o ser humano é o único animal que pode, por meio de regulações (preceitos alimentares, comportamentais frente a outros humanos e não-humanos, orações, penitências), estabelecer contato com Deus, conhecê-lo, para, deste modo, buscar a felicidade nesta vida e garanti-la após o perecimento do físico; 4) toda a dinâmica religiosa exercida, compartilhada, institucionalizada, sacramentos, votos, cultos, rituais, penas, conversão, é originada, conquanto se creia que inspirada por Deus, do homem e endereçada tão apenas a ele.

Nesta linha, não é que Deus seja indiferente aos seres não-humanos, também eles sua criação, mas não no mesmo nível dos humanos. Deus conferiu a vida eterna só aos humanos, isto é, os reservou para o gozo da sua companhia para todo o sempre. Os

demais seres irão acabar, são dotados, no máximo, de uma *alma mortal*, que expira com o esgotamento da matéria. Esta idéia levou a uma outra: a existência finita dos seres não-humanos tem por (único ou maior) propósito atender as demandas humanas, estas, bem disciplinadas, em sacro-ofício, voltadas para garantir uma auspiciosa vida após a encarnação (seja imediatamente o paraíso ou reencarnação[ões]). Dito com outras palavras: os animais podem ser instrumentos religiosos, capazes de colaborar para conduzir o homem para Deus.

É notório que nem toda religião se amolda aos traços anteriores, há variações, pequenas e grandes. Desde religiões que adotaram animais como divindades, em expressão antropomórfica (também presente naquelas que não divinizaram animais ou outros seres, como árvores, a lua e o sol), até aquelas que acolhem o conceito de que o ânimo vital dos animais prossegue ao fenecimento corpóreo e que, se não conhecem a Deus nesta vida, irão conhecê-lo em uma próxima.

De outra margem, antagônica leitura sustenta que, como o homem é o único ser que tem ciência de que está destinado a morrer (fisicamente) – é o senso comum, embora já contestado –, construiu ele arcabouços espirituais, religiosos, como fuga à insuportável noção de que a sua vida e todo o mais é efêmero, irá terminar, desembocará no nada, no vazio. É por demais sabido como arquétipos religiosos, a imensa maioria, serviram para justificar a ascensão, poder, controle, de uns (autoridades, intermediários entre o divino e a humanidade, enviados/investidos por Deus) sobre outros humanos. E deuses inimigos guerrearam em campos de batalhas humanos. Ou ainda: o mesmo Deus abençoou exércitos adversários, agora prontos para se digladiar.

Foi dito que a mulher não tinha alma, que o negro e o índio também não. Que o diferente é bárbaro, herege, ímpio. Que a mulher é, por natureza, dada a frivolidades, à luxúria, ao pecado; grave ou a pior tentação ao homem, este sim vocacionado à razão, à ciência, à religião, à retidão. Que a alma que encarna em corpo de mulher é menos desenvolvida que a alma que encar-

na em corpo masculino. Os postos mais elevados na hierarquia institucional religiosa foram e permanecem sendo, via de regra, interditados às mulheres. Elas normalmente não fazem sacramentos, não rezam missa, não são líderes do mais alto escalão, ocupam posição subalterna aos homens. As mais proeminentes personalidades religiosas foram ou são homens. O próprio Deus é, muitas vezes, representado em figura masculina (o Pai). A divindade indiana da ilusão, da desavença, do erro, da devassidão, assume a forma de uma mulher, de seios desnudos, sedutora, chama-se Kali. Há, não se pode negar, um androcentrismo religioso, uma misoginia espiritual. E o diabo? Pode aparecer no formato de animal, tem chifres e rabo; a besta.

O que se investiga aqui, conforme antes pontuado, é a religião enquanto discurso humano, o qual, em suspeita dos seus oradores, corre o risco de ser especista. O discurso religioso não é invariavelmente o discurso animalista ou dos ecologistas profundos. Majoritariamente, não é. Porém, tal constatação não obsta que a religião seja compatível com o Direito dos Animais; que os defensores dos direitos dos animais testemunhem discurso religioso. Nada obstante, segundo os parâmetros convencionais, mais difundidos, em parte tratados a seguir, não é tarefa fácil. Se não é indispensável ao Direito dos Animais, tampouco é impossível.

Por fim, duas notas de esclarecimento. Este estudo não aborda outras hipóteses afeitas à religião no relacionamento entre humanos e não-humanos, inclusive previstas pelo sistema jurídico, sem prejuízo da sua alta relevância. Tais como: a escusa de consciência (para não realizar ou presenciar experimentos com animais), a qual pode ter fundamento religioso e já objeto de decisões do Judiciário;⁶ ou os limites da liberdade religiosa ou, melhor, de culto (em razão da prática de matar, mutilar ou maltratar animais), matéria *sub judice* em aguardo de decisão do Supremo Tribunal Federal⁷.

A outra nota é para salientar que não se está preocupado, pois que não é o toque desta pesquisa, com qualquer aprecia-

ção quanto à veracidade dos discursos religiosos eleitos como motes de investigação. Narrativas que muitos qualificam como mitológicas, enquanto outros tantos proclamam como histórias factuais, inclusive com o escopo de emprestar autoridade divina ao que se professa. Guardadas as singularidades, neste particular, o Velho e o Novo Testamento, O Livro dos Espíritos e o Bhagavad-gita, tomados em exame nesta sede, se identificam.⁸ Isto, contudo, não é propriamente relevante para a análise que se empreende.⁹

2. Velho testamento

O Velho ou Antigo Testamento, narrativa que se propõe como a história do povo hebreu, não é um Testamento para os animais ou que leve propriamente em conta seres não-humanos. É um Testamento entre Deus e a humanidade ou parte dela (*o povo de Deus*). Os animais (assim como outros seres, a natureza) são, como costumam ser em textos tidos sagrados, personagens secundários de uma novela ou epopéia da qual, a rigor, não tomam parte a não ser como figurantes, adornos, acessórios, objetos, seres desimportantes (sem individualidade, sem nome) ou com algum papel instrumental (*sacrifício* a Deus, transmissão de uma lição). Enfim, a não ser assim – e, muitas vezes, a eles é melhor não ser – são paisagem.

Definitivamente, o Velho Testamento não é simpático aos animais, não é a eles acolhedor, amigo. Muito menos reconhece valor intrínseco aos animais, não avaliza direitos animais. A posição dos animais revela o antropomorfismo das cores com as quais o próprio Deus é configurado.

De começo, vale lembrar que a expulsão do Paraíso foi decorrência de uma sugestão de um animal, uma serpente, “o mais astuto de todos os animais da terra”, aceita inicialmente pela mulher, a qual, por sua vez, levou o homem a cometer o mesmo pecado. Adão e Eva foram, então, expulsos do Éden e recebe-

ram uma maldição, tal como a serpente e a própria Terra: *e.g.*, a cobra andar de rastos, a mulher terá filhos com dor e ficará sob a batuta do marido, o homem (a humanidade) só conseguirá sustento como produto do trabalho, com o suor do rosto.¹⁰ As primeiras roupas de pele já feitas o foram pelo próprio Deus, que as presenteou a Adão e Eva quando da saída do Paraíso.¹¹

Calha notar que, segundo Gênesis, Deus criou primeiro o céu e a Terra, a natureza, a água, as plantas, os animais. É no sexto dia da criação, de sete, que Deus criou o homem. Saindo uma fonte de água da terra, Deus criou o homem do *limo da terra* – também é dito que criou da terra todos os animais terrestres e todas as aves. Estas passagens oportunizam, conforme certa leitura, um entendimento de valorização da natureza, das plantas e dos animais, além da identificação entre seres humanos e animais, afinal foram ambos criados do mesmo elemento, todos são pó. Todavia, a interpretação não prospera. Deus criou o homem por último, o que não quer expressar que seja criação/criatura de relevância menor. Ora, quando Deus criou o homem, disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea.”¹² Nada mais evidente: Deus criou o homem consoante a Sua imagem e semelhança e conferiu a ele poder sobre todos os animais, sobre a natureza.

A sequência reitera a mensagem: “Deus os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra. Disse-lhes também Deus: Eis aí vos dei eu todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós, e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a tudo que tem vida e movimento sobre a terra, para terem de que se sustentar.” “Deus os abençoou, e

lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra. Disse-lhes também Deus: Eis aí vos dei eu todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós, e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a tudo que tem vida e movimento sobre a terra, para terem de que se sustentar.”¹³ Os verbos são bem reveladores e não dão margem a leituras condescendentes: presidir, dominar, sujeitar. Isto é: controlar, subjugar, imperar, impor seus interesses sobre os interesses de outros.¹⁴

A Bíblia é repleta de relatos, descrições minuciosas de *sacrifícios* de animais. O episódio mais famoso é o de Abraão, que, a ponto de matar seu filho como prova de obediência/amor a Deus, foi impedido por um anjo e, na sequência, apanhou um carneiro que estava perto e o *sacrificou* em lugar do filho.¹⁵ Conclusão patente: a vida do filho de Abraão, ser humano, vale mais do que a vida de um animal. Ou por outra: Deus não aceita o *sacrifício* de um humano, mas aceita o de um animal. Ora, logo após o dilúvio, Noé, que teria salvado todos os animais, *sacrificou* animais ao Senhor.¹⁶

Para ilustrar as narrativas macabras. Palavras atribuídas a Deus: “Eis aqui o que tu deves fazer, para me sagrares em sacerdotes a Aarão, e seus filhos. Toma do rebanho um novilho, e dois carneiros, que não sejam malhados: (...) trarás o novilho à entrada do tabernáculo do testemunho: e Aarão e seus filhos porão as suas mãos sobre a cabeça deles e tu o sacrificarás diante do Senhor, à entrada do tabernáculo do testemunho. Tomarás do sangue do novilho, e com o teu dedo porás sobre os cornos do altar, e o resto do sangue derramá-lo-ás ao pé do mesmo altar. (...) Depois fará o carneiro em pedaços; e lavados os intestinos, e os pés, pô-lo-ás sobre estes pedaços cortados da sua carne,

e sobre a sua cabeça. (...) tomarás a gordura do carneiro, a sua cauda, a gordura que cobre as entranhas, o redenho do fígado, os dois rins, e a gordura que está por cima, e a espádua direita: (...) Eis aqui o que tu farás sobre o altar. Sacrificarás cada dia sem falta dois cordeiros dum ano:¹⁷ Marque-se que Deus não aceita *sacrifícios* de animais *defeituosos*, cegos, aleijados, com doenças.¹⁸

Um fato curioso é o dilúvio. Deus, desiludido com a humanidade, *arrepentido de ter criado o homem no mundo*, lança o dilúvio, estendendo a Sua vingança sobre todos os animais, salvo aqueles que, junto com Noé e sua família, entraram na arca.¹⁹ Ora bem: se o pecado é do homem, se a culpa é humana, por qual razão, baseada na justiça, todos os animais devem perecer também? O que os animais têm que ver com *a malícia* ou as *iniquidades* do ser humano? A resposta parece ser: porque eles são acessórios do homem (e, como se afirma no Direito, o acessório segue o principal), porque os animais só se justificam em função do homem (perecendo o homem, perecem igualmente). Ou de outra, simplesmente: porque eles não possuem a menor importância. Quem se importa? Os animais, inocentes, pagarem pela maldade, pelos erros humanos? Qual a lógica disto? Quantos ao tomarem ciência desta história se interrogam sobre isto? Quem se importa com os animais? Se um ser humano mantiver relações sexuais com um animal, deve ser morto; e também o animal deve morrer.²⁰ O animal é culpado?

Episódio semelhante está em Êxodo. Na esteira das pragas que teriam sido enviadas para libertar *o povo de Deus* do jugo dos egípcios, há o episódio da morte dos primogênitos (mortos por Deus). Acontece que morrem igualmente os primogênitos dos animais.²¹ Novamente a indagação: mas, qual a relação dos animais com a contenda entre os hebreus e os egípcios? Por que os animais? Mais ainda: como o Senhor identificará as casas dos *filhos de Israel* para não confundir com as casas dos egípcios e, assim, matar os primogênitos errados – mas, Deus, sendo onisciente, poderia se confundir, trocar um pelo outro? –? Pelo sangue de cordeiros a decorar os frontispícios das residên-

cias. Cordeiros que anteriormente foram mortos para refeição, de quem foram comidas as cabeças, os intestinos...²² Tudo por ordem do Senhor. É a Páscoa!²³

Deus listou, segundo o Velho Testamento, os *animais impuros*.²⁴ Entre outros, o porco, o crocodilo, a toupeira, a lagartixa, o camaleão, o coelho, a águia, a baleia, o camarão, a coruja, o golfinho, o cisne, a tartaruga. Como o homem não está autorizado a comer os *animais impuros*, melhor é ser, apesar do nome infame, *animal impuro*.

Os animais aparecem em outras histórias do Antigo Testamento. O Velho Testamento conta história de uma jumenta que viu, ainda antes do humano que ia nela montado, *o anjo do Senhor*.²⁵ Como o homem a fustigava, “o Senhor abriu a boca da jumenta, e ela falou”, reclamou, não pelo trabalho que realizava, mas pelo castigo imerecido. Porém, também neste caso o fenômeno é ancilar, o protagonista é o homem. Os animais são, nas páginas do Velho Testamento, figurantes. Outro exemplo é Daniel na cova dos leões. Mesmo para o leitor contumaz do Antigo Testamento, que repetidas vezes se debruçou sobre ele, os animais podem ter passado despercebidos. Em paralelo com a instrumentalização, a indiferença.

3. Novo testamento

O Novo Testamento não traz uma mensagem essencialmente nova, no que tange aos animais, frente ao Velho. Há uma continuidade do Velho para o Novo Testamento e a situação/*status* dos animais permanece, a rigor e no fundo, a mesma.

Há uma fala de Jesus que mostra bem a superioridade do ser humano diante dos animais: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros: e contudo vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?”²⁶ Em outro momento, Evangelho de

São Mateus, pergunta Jesus: “Ora, quanto mais excelente é um homem do que uma ovelha?”²⁷

Outras tantas vezes os animais são paisagens, sombras, multidões disformes, onde o todo descaracteriza a parte. Exemplos: a pescaria, quando as redes voltam repletas; a multiplicação dos peixes.²⁸ Ou ainda como alegoria: a ovelha desgarrada.

Não há indício concreto, consoante os textos do Novo Testamento que circulam, para afirmar que Cristo adotava dieta vegetariana/vegana. Ao invés, o trecho a seguir é tomado como a autorização para o livre consumo de animais, rompendo com a vedação de se *alimentar* de *animais impuros*. “Não é o que entra pela boca, o que faz imundo o homem: mas o que sai da boca”.²⁹ Ou seja: não há demérito para o homem em comer animais. Isto é: a dieta cristã é mais ampla do que a dieta judaica, não há proibição de ingerir alguns animais. Ora, o próprio Natal tem a ceia ornamentada com porcos, perus, bovinos, peixes.

Segundo os *Atos dos Apóstolos*, Deus declarou puros os *animais impuros* (do Velho Testamento).³⁰ Pedro, o primeiro Papa, tem uma visão onde uma voz, mostrando vários animais, ordena: “Levanta-te, Pedro, mata e come.” Como Pedro recusasse, a voz adverte para não julgar impuro o que Deus purificou. A visão possui uma significação alegórica, como na sequência do relato bíblico fica evidente/expresso.³¹ Todavia, é interpretada também como a dissipar a classificação entre *animais puros* e *impuros*. A vantagem de ser um *animal impuro*, não ser comido pelo homem, desaparece. A igualdade piorou a situação de muitos animais.

Jesus tinha controle sobre a natureza, o que afirmado como uma demonstração da sua santidade, da sua condição divina (Filho de Deus ou o próprio Deus). Cristo anda sobre as águas e amansa a tempestade. Isto, porém, de acordo com a visão tradicional, não vai além, não se estende para uma compreensão de harmonização/integração com a natureza, nos moldes, por ex., da Ecologia Profunda, sem que se encontre qualquer passagem do Novo Testamento nesta vertente. O episódio da figueira

causa perplexidade e gera aturdimiento naqueles que querem defender, como sendo própria do cristianismo, a natureza como tendo valor intrínseco. Jesus busca fruto em uma figueira, como não encontra, a *amaldiçoa*, dizendo: “Nunca jamais nasça fruto de ti.”³² E a árvore, instantaneamente, seca. A relação parece ser instrumental.³³

Outro acontecimento que registra bem a superioridade do ser humano (da sua vida, do seu sofrimento) frente a animais (seres) não-humanos é dado por um exorcismo efetuado por Jesus. Jesus expulsa demônios de um possesso que gritava e se feria, em aflição, os demônios pedem que Jesus concorde que eles entrem nos porcos que pastavam ao redor, Cristo autoriza, os demônios incorporam nos porcos, cerca de dois mil animais, os quais se lançam no mar e morrem afogados. O interesse dos demônios pesa mais do que o desejo de viver dos porcos? Quanto vale a vida de um porco? Quanto vale as vidas de dois mil?³⁴

Irrefutável: o que se entende por direitos dos animais não faz parte da homilia de Jesus. A *Boa Nova* é para seres humanos. Jesus é o salvador da humanidade. Os animais pouco aparecem no Novo Testamento e, quando aparecerem, não é de modo a valorizá-los, muito pelo contrário.

4. Espiritismo: Allan Kardec

O termo *espiritismo* não é unívoco, engloba uma gama diversificada, antagônica, de crenças, liturgias, matrizes e matizes. Consoante definido pelo *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, espiritismo é a “doutrina de cunho filosófico-religioso, de aperfeiçoamento moral do homem através de ensinamentos transmitidos por espíritos mais aprimorados de pessoas mortas, que se comunicam com os vivos especialmente através dos médiuns”.³⁵ Nota-se, pela conceituação, que a expressão tem um espectro bastante vasto: *espiritismo de mesa*, umbanda, candomblé, estão entre os mais lembrados de uma série vasta. A (crença na) comu-

nicação com os mortos esteve ou está presente na generalidade das formulações e/ou práticas religiosas ao redor do mundo. Entre os egípcios, gregos, indianos, entre os ameríndios, africanos, europeus, asiáticos; é elemento visto nas mais distintas culturas, no decorrer do tempo e em inúmeros lugares.

Tanto o Velho quanto o Novo Testamento reúnem relatos de comunicações com os mortos, com Jesus e diretamente com Deus. Na tradição católica há histórias de contatos com Deus, com Jesus, com o Espírito Santo. Santos (e outros) tiveram experiências desta ordem, revelações, chamados. Recordem-se as aparições de Nossa Senhora, Santa Maria, em Fátima, em Lourdes. Todavia, no catolicismo, tais fenômenos não estejam isentos de controvérsia, lembrando que há pronunciamento papal não confirmando as aparições de Maria, deixando a critério da fé de cada um.

Em função da larga abrangência de convicções sob o título de espíritas, o que exigiria um longo trabalho de categorização, escapando dos contornos do corrente estudo, opta-se pelo recorte do denominado *espiritismo kardecista*. No mais das vezes, na verdade, quando se utiliza a expressão *espiritismo* a ilação é ao *kardecismo*. Há, sobretudo, uma identificação entre *espiritismo* e *kardecismo*: é o sentido clássico, próprio ou mais reconhecido.³⁶

Allan Kardec (1804-1869) é conhecido como *O Codificador*, porque as cinco obras que compõem a Codificação Espírita – *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese* – são conseqüências do seu trabalho, embora não solitário, em concurso com espíritos encarnados e desencarnados.³⁷ A questão dos animais é especialmente versada em *O livro dos espíritos*, de 1857, a primeira obra da codificação. Também é objeto de comentários específicos em *A gênese*, o último livro da codificação, publicação datada de janeiro de 1868, passagens estas que têm por esteio as lições explanadas, por exemplo, em *O livro dos espíritos*.

Os dois últimos livros referidos, tomados aqui por fios condutores do exame, são diferentes entre si não apenas pelo enfo-

que temático, também quanto à autoria. *O livro dos espíritos* é um conjunto de “ensinos dados por espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns, recebidos e coordenados por Allan Kardec”.³⁸ No formato de perguntas e respostas, as respostas, crê-se, foram dadas por *espíritos superiores*, daí a autoridade elevada.³⁹ A *gênese* foi escrita pelo próprio Kardec, são reflexões suas que retomam e acrescentam considerações ao magistério proferido pelos *espíritos superiores*.

Em *O livro dos espíritos*, a temática dos animais está disposta concentradamente do quesito nº 592 ao de nº 613, mas também figura em outros trechos. À primeira interrogação, nº 592, afirma-se: “O homem é um ser à parte (...) Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.”⁴⁰ Aí está, de saída, a qualidade que o torna peculiar em meio a todos os outros seres: só à criatura humana é possível cogitar acerca do criador (de todas as criaturas). Segundo o ensino dos espíritos, os animais, ademais do instinto (o qual domina a maioria deles), denotam vontade, inteligência e linguagem, porém direcionadas (quase integralmente) a satisfazer os apelos físicos, a conservação.⁴¹ Rompe-se com a tese do animal-máquina (Descartes): os animais possuem liberdade de ação, porém conformada pelas necessidades materiais e, assim, incomparável à do ser humano.⁴²

Existe, também nos animais, um *princípio independente da matéria*: “Há e que sobrevive ao corpo.”⁴³ Mas, será a alma? Alma como a que embala os seres humanos? “É também uma alma, se quiserdes, *dependendo isto do sentido que se der a esta palavra*. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”⁴⁴ Para o espiritismo, portanto, os animais têm alma, mas a correção da sentença depende do que se entenda por alma. A comparação da distância entre a alma animal e a alma humana com o hiato entre a alma dos homens e Deus não parece prezar pela precisão (dentro da imprecisão dos entes, principalmente de Deus, e das ferramentas de medição), o que sugere uma extensão colossal e, ao fim, uma linha demarcatória

intransponível, o que, se soa razoável entre os humanos e Deus, pode soar exagerado entre animais humanos e não-humanos.

E o que acontece com a alma dos animais após o óbito corporal? “Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu *eu*, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.”⁴⁵ Em outros termos: a minha cadela Gopi não deixará de ser um indivíduo, mas não terá mais a consciência de ser quem foi quando encarnada (pela última vez), Gopi (ou outro alguém como conclusão de várias vidas passadas). É como se ela adormecesse e se descaracterizasse enquanto personalidade, o que não ocorre com os humanos. Esta resposta vem ao encontro de satisfazer a interrogação sobre o céu dos animais. O que eles fazem depois de mortos? Onde ficam? Nós, humanos, voltamos a nos encontrar com eles? Aparentemente, possivelmente, não, vez que aparentemente ou possivelmente eu não reconheceria Gopi e, de toda sorte, ela não me reconheceria.

Seja como for, parece que os animais (desencarnados) não podem se comunicar com os seres humanos (encarnados) – e nem com outros animais –, ao menos não pelos mecanismos mediúnicos usuais, como a psicografia e a incorporação. Não é comum no meio espírita relatos de visões, audições ou sentido da presença de animais desencarnados.⁴⁶

Aos animais, diferentemente dos humanos, não é permitido escolher a próxima encarnação, “a espécie de animal em que encarne”.⁴⁷ A rigor, o animal, após a morte física, não pode ser classificado como espírito, porquanto é a autoconsciência o principal atributo do espírito.⁴⁸ O animal desencarnado não pensa e obra por sua livre vontade, “é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”⁴⁹ Ou seja: Gopi e Lila não se encontrarão, irmãs que me enchem de alegria ao viverem comigo. Quem ostenta a tarefa de classificar os animais e encaminhá-los para outras encarnações? Espíritos, ou seja, seres humanos.

A pergunta nº 601 é especialmente emblemática do *status* dos animais na visão espírita. “Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva?” A resposta começa: “Sim (...)” Mas, engana. O sim não quer dizer que os animais sigam encarnações sucessivas conforme a seqüência da evolução/purificação espiritual, tal como é o caminho a ser percorrido pela espécie humana. Mesmo porque repare: poderia se concluir que a progressão dos animais acabaria levando-os a encarnarem como humanos, eles se tornariam humanos,⁵⁰ transformação que não rompe com um laço umbilical, comum, de identidade (dentro da mesma cadeia), vez que não é um novo ser que nasce, criado a partir de outro ponto, mas o mesmo ser em mudança. Quer dizer que os humanos de hoje são os animais de ontem. Todavia, esta identificação, igualação por princípio, seres animados/vivos (que nascem/encarnam e morrem/desencarnam), provenientes da mesma fonte (criaturas do mesmo criador), não agrada a muitos, a maioria dos humanos, que sentem a sua dignidade diminuir, que se acham rebaixados.

A resposta completa então: “Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são (...) São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.”⁵¹ A linha demarcatória intransponível. Uma vez animal, nunca humano. Por esta lógica, os animais, na linha da tradição judaico-cristã (também do islamismo e outras), foram criados para servir os homens, estão submetidos a eles. Um animal não aspira – mesmo inconscientemente ou pela força da natureza – virar humano. A rigor, o animal nada aspira, não almeja encarnar em outro corpo animal e, assim, em alguma medida, crescer em inteligência, em *espírito* (por ex., de uma ameba ou uma lesma a um cachorro ou um chimpanzé). O estágio máximo que pode alcançar um animal é habitar em um mundo superior.⁵² Pinóquio não vira menino, apenas é envernizado e ganha novas molas.

Mas, nos mundos superiores, os animais têm a capacidade de conhecer a Deus? “Não. Para eles o homem é um deus (...)”⁵³ A concepção, confortante para o ego de muitos (normalmente, não sem uma sensação de poder ou do sentido da dependência do outro para consigo), de que o animal vê no ser humano algo como uma divindade não parece crível. Caso acalente cogitar isto em relação a um cachorro, é improvável que uma baleia, ao avistar um mergulhador, pense estar defronte de um deus. Esta hierarquização não parece contar com o apoio dos animais. Parece mais apropriado compreender que, na dependência da circunstância, o animal pode ver no homem um amigo (ou um inimigo, um deus mau), alguém com algum poder sobre ele, sendo certo que animais podem mirar o homem apenas como um estranho e ter indiferença para com ele, além de terem a noção de, conforme a contingência, serem mais poderosos.

Kardec chega a afirmar que a concepção de que Deus criou *seres intelectuais* destinados perpetuamente à inferioridade parece não se harmonizar “com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam.” Os espíritos superiores retrucam que esta sistemática nós, humanos encarnados (ao menos a maioria de nós), não podemos (ainda) apreender e que é impossível que Deus se contradiga.⁵⁴ E, assim, sem argumentação que possa convencer pela razão (pelo menos aquela de que dispomos por ora), lançando mão da incapacidade cognitiva humana e do argumento de autoridade, a ideiação é dada como verdade irrecusável, vira dogma, axioma.

A inteligência animal não proporciona a eles a *vida moral*,⁵⁵ logo o seu progresso não acontece por ato de vontade (livre), por escolhas éticas, e sim *pela força das coisas*,⁵⁶ pela força natural (uma espécie de determinismo?), algo mecânico.⁵⁷ E aqui reside um das lições fulcrais do espiritismo: os animais “não estão sujeitos à expiação.”⁵⁸ Equivale a dizer: não estão submetidos à *lei do carma, lei da ação e reação*. Espinha dorsal da *lei do carma, lei de causa e efeito*, que fundamenta a reencarnação (uma vida posterior de acordo com a[s] vida[s] anterior[es], que, desta sorte,

pode ser de bem-aventurança, de expiação, um misto de boa e má fortuna, ajuste nunca aleatório), sempre em escala espiritual crescente, é o arranjo de direitos e deveres, isto é, o que se espera seja feito, quem se espera ser, o que é devido em interação com direitos (em mapa que transcende em muito, de modo inconceptível [ou quase], direitos e obrigações legais, a justiça humana, inclusive o que se advoga contemporaneamente por Direito [diferente do juspositivismo e do jusnaturalismo]) – o que, ainda quando de outra maneira, é noção partilhada por todas as religiões. O arranjo para os animais não é o mesmo dos humanos. Comunicam os espíritos: “Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele.”⁵⁹ Isto significa que a lei (*espiritual*, divina) é distinta: há uma lei para os humanos e outra para os animais.⁶⁰

Neste passo, há um mistério. Se os animais não estão sujeitos à expiação, por qual razão eles, entidades sencientes, que sentem prazer e dor, que sofrem, que buscam uma boa vida, que lutam para manter as suas vidas ainda quando aquém do mínimo existencial, padecem um enorme leque de mazelas oportunizadas pelo gênio humano? Instrumentalizados, alvos da barbárie humana, torturados, confinados, ridicularizados, mortos!⁶¹ Sendo seres inocentes, por qual motivo sofrem em proveito da deliberação humana? Por que o holocausto ao qual são (diariamente e há tanto tempo) submetidos? Por que sofrem, têm as suas vidas feitas miseráveis, ceifadas, pelas mãos humanas, sem qualquer justificativa, se nada estão expiando? E os humanos que procedem assim irão expiar seus pecados ou não há *lei do carma* a reger atos humanos perante os animais? Ao invés de responder que os animais devem ter alguma dívida a resgatar ou que foram criados para isto mesmo, melhor é concluir que os homens não têm direitos que alegam ter.

Cumprir notar, em que pese o anteriormente exposto, que a questão acerca da inexistência de uma corrente vital entre a espécie humana e as outras espécies não é exatamente um tabu, não é uma posição cerrada. O próprio *Livro dos Espíritos* dá ense-

jo a outra compreensão, a de elos ininterruptos na continuidade da vida, o que deixa a questão em suspenso ou dúbia. Não há exatamente uma tomada de posição sobre o ponto. Vejamos.

Na resposta à pergunta de nº 607 é dito que a “alma do homem, na sua origem,” que o espírito, na “primeira fase do seu desenvolvimento”, passa por existências anteriores à humana.⁶² Segue, então, da parte dos encarnados, uma associação entre o aludido *estado de infância* e os *seres inferiores da criação*. A isto, esclarecem os espíritos: “Nesse seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco (...) É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização (...)” E advertem: “Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram?” E retomam, sob um outro prisma um aspecto ventilado em momento precedente: “Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.”

A partir deste ponto há uma revira-volta no tratamento que vinha sendo dispensado ao tema.⁶³ Finca-se o entendimento de que o ser humano é conseqüência do processo de desenvolvimento que transita desde quando animal (e, fica sugerido, mesmo antes desta fase, no estágio vegetal; afinal, quem são os *seres inferiores?*), isto é, de que não existe rompimento da cadeia da vida, que a evolução espiritual (posta em encarnações) vem a ser mudanças em uma continuidade.⁶⁴

Daí a dúvida manifestada na indagação nº 610: “Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram constituir o homem um ser à parte na ordem da criação?” Resposta: “Não, mas a questão não fora desenvolvida.” A peculiaridade do ser humano está em faculdades que somente ele conserva e em um destino afim. “A espécie humana”, confirmam os espíritos, “é a que Deus escolheu

para a encarnação dos seres *que podem conhecê-lo*.⁶⁵ Questão fechada fica por conta da metempsychose, dinâmica, como se sabe, já abordada, *e.g.*, por Sócrates: o espiritismo não admite que um espírito que encarnou em corpo humano volte a encarnar em corpo animal, porquanto isto seria retroceder e a via espiritual é sempre ascendente, não há regressão.⁶⁶ Não há o que um espírito possa aprender em corpo de animal que não possa aprender em corpo humano.

O livro dos espíritos é pretensamente composto por comunicações com espíritos diferentes, os quais, como reconhece o próprio Kardec, podem manifestar compreensões distintas. A verba Kardec: “O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo.”⁶⁷ E acrescenta: “Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.”⁶⁸ Acerca da problemática, registra *O Codificador*: “É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal.” Ao comentar cada um destes sistemas, Kardec deixa transparecer o seu foro íntimo: “O segundo é mais conforme à dignidade do homem (...)”.⁶⁹

Em síntese: a questão de saber se a alma encarna de corpo animal para corpo humano permanece, na doutrina espírita, em aberto. Até hoje não há uniformidade. O assunto, contudo, não costuma ocupar a centralidade dos debates espíritas, segue em uma posição relativamente secundária. Daí que, por exemplo, a maioria dos espíritas (como, aliás, a maioria das pessoas humanas) não se preocupe ou não tenha despertado para os direitos dos animais, para a discussão filosófica, teológica, acerca do *status* dos animais. Daí que, salvo em algumas casas espíritas e via de regra a fim de preservar uma boa prática mediúnica ou

de oração, pede-se ou proíbe-se o consumo de carne em dias de sessão. Deveras, via de regra não pelos animais, mas pelos humanos, pelos espíritos. O vegetarianismo e a rejeição de artigos provenientes de animais, como couro, peles variadas, não é pilar do espiritismo, conforme majoritariamente percebido e exercido desde os seus primórdios até a atualidade.

No fim do capítulo, arremata Kardec: “Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento *atual* nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.”⁷⁰ Se tal conhecimento, ainda que divisado em brumas, pode ensejar a alteração da nociva postura humana perante os animais, importa sim nos determos no seu encaicho, em meditações desta ordem. Será produtora para o progresso humano e para o progresso animal.

Por fim, uma última nota. O espiritismo (kardecista) não adota *sacrifícios* de animais, ao contrário do que acontece, por exemplo, no candomblé.⁷¹ Os *espíritos superiores* afirmam que Deus “nunca exigiu sacrifícios, nem de homens, nem, sequer, de animais.”⁷² O *nem, sequer*, empresta um nível de estatura menor.

Em *O livro dos médiuns*, a epígrafe está assim vazada: “Fé inabalável só o é aquela capaz de encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade.” A fé continuará, pois, sendo posta à prova diante da razão. Mas, não apenas da razão, conforme muitas vezes concebida e, neste campo, tida como insuficiente. A fé deve ser capaz de sorrir quando defrontada com a sensibilidade. Afinal, a fé se apresenta como um misto ótimo de razão e sentimento.

5. Bhagavad-Gita: Prabhupada

Acontece algo similar com o termo *hinduísmo* com o que ocorre com a palavra *espiritismo*. O *hinduísmo* se divide em várias correntes de compreensão, com ritos e crenças variadas, possui

diversas linhas discipulares, *mestres espirituais* (gurus) diferentes, abarcando posições antagônicas. O Bhagavad-gita, o livro mundialmente mais conhecido da literatura védica, é um episódio do Mahabharata, épico sânscrito basilar. O Gita, considerado a essência do conhecimento védico, vem a ser o diálogo travado entre Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, e Arjuna, um guerreiro e devoto puro de Deus, no campo de batalha de Kuruksetra.

a.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977), vaisnava, sannyasi (renunciado), é considerado o principal responsável pela difusão, para além da Índia, da filosofia dos vedas. Prestes a completar 69 anos, em 1965, partiu para o ocidente, Estados Unidos. Fundou a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (*International Society for Krishna Consciousness – Iskcon*), conhecida também como Movimento Hare Krishna. Seus partícipes são popularmente chamados *Hares* ou *Hare Krishnas*. Entende-se que a autoridade de Srila Prabhupada deriva também da sucessão discipular (a exemplo da sucessão cristão-católica), sucessão que, afirma-se, foi originada por Krishna.

Prabhupada, entre outros livros, escreveu *O Bhagavad-gita como ele é*, sua obra de maior circulação, onde oferece significados aos versos do Gita. A crença é a de que o próprio Deus, Krishna, esteve no planeta há cerca de 5.000 anos atrás e falou o conteúdo religioso constante do Gita.

A dieta Hare Krishna é lacto-vegetariana. Comer carne é vedado, é alimentação no *modo da ignorância*, sinal de involução espiritual. Preconiza-se a culinária situada no *modo da bondade*. No comentário ao verso 16 do capítulo 6 do Gita, anota Prabhupada: “Os homens não precisam comer animais, porque existe amplo suprimento de grãos, vegetais, frutas e leite. (...) Alimento animal é para aqueles que estão no modo da ignorância.”⁷³ Como se sabe, a vaca é qualificada como sagrada, associada à maternidade, mansidão, pureza, generosidade (pelo leite que fornece). Krishna é constantemente retratado com vacas ao redor, acari-

ciando-as (Govinda).⁷⁴ Vários animais compõem o cenário religioso hindu, inclusive como divindades ou semideuses.⁷⁵

É possível compreender, segundo a vertente religiosa em foco, que todo ser vivo – inclusive as plantas, podendo-se abarcar mesmo seres qualificados como inanimados – possui valor intrínseco. É igualmente filho de Deus, possui alma, o que implica na sua eternidade. Afirmar Prabhupada: “Cada ser vivo é filho do Senhor Supremo, e Ele não tolera que se mate nem mesmo uma formiga. Deve-se pagar por isso.”⁷⁶ Situado no *modo da ignorância*, o ser humano que consome carne adquire um carma negativo, ficando sujeito a falecer, nesta ou em outra vida, em conformidade/paridade com as mortes que provocou. “O abate de animais indefesos”, aduz Prabhupada, “se deve ao modo da ignorância”: “Os matadores de animais não sabem que no futuro o animal terá um corpo adequado para matá-los. Esta é a lei da natureza.”⁷⁷

Note-se que é estabelecida uma identificação entre homens e animais (além de outros seres) que não está presente na concepção regular judaico-cristã, nem no viés espírita(-kardecista). Uns e outros têm alma. A mesma alma que animou um corpo animal poderá animar um corpo humano e vice-versa (a metempsicose é admitida). A morte de um animal possui equivalente na morte humana (carma).⁷⁸ Sem os rodeios espíritas e se opondo à negativa judaico-cristã, o conhecimento védico ensina que há uma cadeia na/da vida, o que unifica, superando as diferenças momentâneas, exteriores ou ilusórias, a essência dos seres, das espécies: “natureza espiritual indivisa”, nas palavras de Krishna. Assenta o próprio Deus: “Os sábios humildes, em virtude do conhecimento verdadeiro, vêem como a mesma visão um brahmana erudito e cortês, uma vaca, um elefante, um cachorro e um comedor de cachorro [pária].”⁷⁹

Sem embargo, tal cadeia é uma sequência evolutiva, de progresso espiritual, na qual o topo é ocupado pela vida na forma humana.⁸⁰ Afirmar-se que é apenas no corpo humano que a

alma pode adquirir consciência de Deus e, assim, se liberar do enredamento de nascimentos e mortes (ciclo de samsara), do carma, de maya, embora se reserve a viabilidade e haja relatos, na literatura vaisnava, de almas, em corpos animais, que ascenderam imediatamente. Os animais, ressalvada alguma hipótese excepcional, estão completamente sob o domínio dos instintos (reduzidos a comer, dormir, se defender e copular), logo não visualizam Deus e, portanto, não podem seguir as prescrições para alcançá-Lo.⁸¹

“A literatura védica destina-se a seres humanos, e não a animais.”⁸² O propósito da vida é compreender que a condição eterna da alma é ser servo/amigo (puro) de Deus, o que não é inteligível aos animais.⁸³ Há uma condição moral no homem que está ausente nos animais, isentando-os da relação cármica.⁸⁴ Ora, “a vida humana não é para desfrutar do prazer dos sentidos como os animais.”⁸⁵ Na senda do progresso espiritual é preciso controlar a mente, os sentidos, o que é estranho aos animais (incompatível com os seus corpos). Cultivar consciência de Krishna é para seres humanos.⁸⁶

Fácil notar que a encarnação da alma segue uma escada. E pode haver involução: pode-se voltar a degraus mais baixos. Encarnar em corpo animal traduz menor grau evolutivo se comparado à encarnação como humano, sendo certo que há níveis entre os animais. Se o homem “desenvolve o modo da ignorância, após sua morte ele se degrada a uma forma de vida animal.”⁸⁷ Neste aspecto, o escalonamento é nítido.⁸⁸ Não à toa o Bhagavad-gita foi falado por Deus a Arjuna, um ser humano, isto é, alguém capaz de compreendê-lo.

Há uma questão dúbia no pensamento védico e que denota uma posição de inferiorização dos animais. O *sacrifício* religioso. Prabhupada chega a escrever que matar um animal em *sacrifício* não é considerado ato de violência.⁸⁹ Mesmo porque será bom para o próprio animal que obterá diretamente um corpo humano sem ter que migrar por outras formas de vida.⁹⁰ Em ou-

tro trecho, Prabhupada reconhece a polêmica sobre o tema: “Há muitas atividades na literatura védica que são objeto de controvérsia. Por exemplo, afirma-se que um animal pode ser morto num sacrifício, mas outros sustentam que matar animais é completamente abominável.”⁹¹ Entendimento corrente preconiza que qualquer *sacrifício* de animais está proibido na *Era de Kali* (*Kali Yuga*), época atual, também chamada *Era das Desavenças*, período de declínio máximo da religiosidade.⁹² Buddha, reputado uma encarnação de Krishna, proclamou a proibição de “sacrifícios de animais sem tomar como referência os princípios védicos” ou, mais ainda, vetou qualquer matança em nome da religião durante a *Kali Yuga*.⁹³

Um último apontamento. Como antes sinalizado e de saber notório, a vaca, conforme a religião hinduísta, goza de uma posição destacada, privilegiada frente aos demais seres. É o próprio Deus que afirma que as vacas devem ser protegidas.⁹⁴ Uma das demonstrações mais *demoníacas*, de profunda ignorância espiritual, é a matança de vacas, consonante hábito difundido e arraigado já não recente. Sem embargo, é claro que a proteção às vacas, expressão da adoração que se tem por elas, importa em que as mesmas também não sofram. Com efeito, as vacas aparecem nas imagens védicas em bem-estar, vivendo livres, no campo, prazerosamente, felizes, na companhia de Deus.

Esta paisagem infelizmente não corresponde à facticidade da indústria, da prática exploratória das vacas para a retirada do leite, findo o qual, após o esgotamento físico do animal (vida útil, vida abreviada), são elas mortas para carne, couro, etc. A pecuária está muito longe, é o oposto da descrição idílica.

E qual o paradoxo? É que os Hares, no passo da alimentação láctea por força de mandamentos religiosos, nomeadamente no contexto da indústria do leite,⁹⁵ acabam por contribuir para o sofrimento daquele que pode ser tido como o animal mais sagrado, objeto da sua devoção. E não somente terminam por estimular esta rotina de dor, privações, doenças, das vacas, também fazem

parte do movimento que desemboca na morte destes animais, porque etapas interligadas do mesmo processo explorador, de subjugação, coisificador da vida. Isto, nem seria preciso anotar, vai como uma avalanche de encontro à pregação hindu.

6. Especismo religioso

Especismo religioso é, portanto, o especismo baseado na religião. Possui dois grandes diferenciais. 1º) Não é tido como uma posição humana e sim divina. Deus é especista. Deus instrumentalizou os animais ao homem. 2º) Teses do *especismo religioso* são impossíveis de provar. Exemplo: os seres humanos possuem alma e os animais não; há vida após a morte física para humanos, não para animais não-humanos.

De certa maneira, o *especismo religioso* é a último *bunker* do especismo precisamente porque baseado em crenças sem comprovação ou que, afirma-se, não necessitam dela. Logo, se vê como isento de críticas uma vez que alicerçado exclusivamente na fé que não se sujeita ao diálogo reflexivo, *fé cega*, embora muitos pontos que sustentam o *especismo religioso* tenham ruído (*e.g.*, racionalidade, linguagem e sentimento). Subsiste, porém, a idéia de que o ser humano é um fim em si mesmo e o animal não possui valor intrínseco em função de um arranjo divino.⁹⁶

7. A posição da humanidade

Diante do exposto, surge uma pergunta. Qual a posição da humanidade no contexto geral da vida? Em relação a todos os seres vivos, animais, plantas, e inanimados? Com esteio nas religiões em pauta, que postura o ser humano está encarregado de assumir ou deve ter no contato com os animais? O que Deus espera do homem?

7.1. A questão humpty dumpty – Tom Regan

Tom Regan, Professor de Filosofia da Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos, em seu livro *Jaulas vazias*, lembra, a propósito da crítica que desenvolve às alegações dos porta-vozes da indústrias da exploração animal, fragmento da obra *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll. Transcreve-se: “‘Não sei o que você que dizer com *glória*’, disse Alice. Humpty Dumpty sorriu com desdém. ‘Claro que não – até que eu lhe explique. Eu quis dizer [por *glória*] um belo argumento que derruba qualquer um para você!’ ‘Mas *glória* não significa *um belo argumento que derruba qualquer um para você*, Alice contestou. ‘Quando eu uso uma palavra’, Humpty Dumpty disse num tom meio zombeteiro, ‘ela significa exatamente o que eu quiser que ela signifique – nem mais, nem menos.’”⁹⁷

Pois é. A linguagem não é algo que dependa exclusivamente de alguém (de mim ou de você), isoladamente de ninguém. Caso contrário, não há comunicação. É solipsismo. A relação entre significante e significado, como *ser no mundo*, pressupõe partilha; os sentidos dos termos são construídos intersubjetivamente, em diálogo, o que importa em reconhecimento. Os sentidos não estão dados *a priori*, não estão aguardando que alguém os revele, já concluídos/objetivos, dos vocábulos, signos, textos, como se estivessem intrinsecamente lá tão somente esperando serem declarados. É, ao invés, processo, construção interativa, *work in process* e em conjunto E, assim, o papel desempenhado pela pré-compreensão, visto que o sujeito está inexoravelmente no (em um) tempo, reúne um complexo de experiências, convicções, incertezas, ou seja, carrega uma *história como memória*.

A dicotomia sujeito-objeto, finco da *filosofia da consciência*, é desmistificada, assim como a aposta em métodos como propiciadores de segurança, certeza, pureza.⁹⁸ Interpretar não é um ato livre, que dependa da subjetividade/consciência do intérprete. Rejeita-se o brocardo *quot capita, tot sensos*. Interpretar não é dizer qualquer coisa sobre qualquer coisa. Existem limites se-

mânticos no texto. A interpretação deve respeito a uma tradição dentro da qual o significado se dá, dialogicamente; exige coerência; suspensão de pré-juízos.

Quando eu leio a palavra *elefante*, não penso em um animal branquinho, pequeno, orelhudo, comedor de cenoura. Pessoas diferentes poderão visualizar elefantes diferentes. Nada obstante, todos reconhecem um elefante e um coelho. O sujeito deve permitir que o objeto lhe diga algo. Tudo sem perder a dimensão do contexto. Há parâmetros. Daí que Tom Regan, ao tratar da exploração animal, aponta a hipocrisia da utilização de expressões como *tratamento humanitário* e *bem-estar animal*.⁹⁹

Qual o problema aqui? A religião é tão central para muitos adeptos dos direitos dos animais que eles investem a demonstrar a conjugação entre o programa religioso e a plataforma dos direitos animais, embora a motivação possa ser distinta, qual seja, estratégia de aproximação ou persuasão no intuito de conquistar partidários para a causa da libertação animal. Acontece que nem tudo é ajustável. Pior: talvez as bases de sustentação não sejam. Ou pelo menos vigas-mestras. Algumas conciliações só se dão em prejuízo da consistência, em um contorcionismo digno de medalha olímpica, decorrência de um voluntarismo, mesmo que inconsciente ou ingênuo.

Na linha judaico-cristã, entre as passagens que despertam especial discussão, o capítulo 1, versículos 26 a 30, e o capítulo 9, Gênesis. Deus, mais do que autorizou, determinou ao homem *sujeitar* o planeta e *dominar* todos os animais.¹⁰⁰ Estes vão *temer* e *trem* na presença humana e o próprio Deus tomará *vingança* contra o animal que derramar sangue humano, o qual pagará com o próprio sangue, vez que *o homem foi feito à imagem de Deus*.¹⁰¹ Alguns empreendem uma leitura benevolente, doce, simpática aos animais; a despeito das acepções mais corriqueiras, culturalmente enraizadas, pedras-de-toque da religiosidade majoritária.

Tom Regan é um deles. Eis a apreciação de Regan acerca de Gênesis,1, 26-28: “O que poderia estar mais claro do que a idéia

de que os outros animais foram criados para o nosso uso? O que poderia estar mais claro do que a idéia de que não fazemos nada de errado ao limitar sua liberdade, ferir seus corpos ou tirar suas vidas para atender às nossas necessidades e saciar nossos desejos?"¹⁰² Apesar da aludida clareza, este não é o entendimento de Regan: "Não é assim que eu leio a Bíblia. Ser contemplado por Deus com o domínio sobre tudo não significa uma carta branca para atender às nossas necessidades ou saciar nossos desejos. Pelo contrário, significa ser incumbido da imensa responsabilidade de ser o representante do Criador na criação; em outras palavras, nós fomos chamados por Deus para sermos tão cheios de amor e de zelo por aquilo que Deus criou quanto o próprio Deus foi cheio de amor e zelo ao criar tudo. De fato, conforme meu modo de entender a idéia, é isso o que significa 'ser criado à imagem de Deus'."¹⁰³

Regan chega à conclusão de que a Bíblia proscree o consumo de carne. Invoca, como argumento, o trecho de Gênesis, 1, 29. Na versão da Bíblia utilizada por Regan, esta a redação: "Vejam, eu lhes dei todas as ervas com sementes sobre a terra, e todas as árvores, nas quais estão os frutos com sementes; para vocês, isso será a carne"¹⁰⁴. Então, a tese de que, no Éden, o ser humano era vegano (e não vegetariano, como outros pregam). Para Tom Regan a questão "não está aberta a discussões"¹⁰⁵. Todavia, em inúmeras outras publicações do Velho Testamento, predominantemente, o texto é outro, não há a passagem "para vocês, isso será carne". As versões oficiais da Santa Sé, disponíveis no seu *site*, não trazem a aludida redação.

Lembre-se o texto, conforme antes citado, de Gênesis, 1, 29-30: "Disse-lhes também Deus: Eis aí vos dei eu todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós, e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a tudo que tem vida e movimento sobre a terra, para terem de que se sustentar."¹⁰⁶ Disputas de tradução à parte, na qual inserida a cogitação de que teria

havido um complô para alterar este e outros trechos do Velho e do Novo Testamento de modo a afastar, *v.g.*, a regência da dieta vegetariana/vegana (ao menos no Paraíso), a Bíblia, consoante a grande maioria das edições e das interpretações, não avaliza a tese de Tom Regan. É uma contenda sobre o que a Bíblia diz, contenda que começa pelo próprio texto, embate no qual a fileira de Regan é francamente menor.

Não se pode negar que a cultura bíblica entre judeus e cristãos não é caracterizada pelo vegetarianismo/veganismo e nem que tais segmentos adotem, como princípio, os ditames dos direitos dos animais – e nem da Ecologia Profunda. A tese de Regan de que a alimentação vegana é fator para a volta ao Éden não encontra lastro nas Sinagogas e nem nas Igrejas. O Papa, tido como sucessor de Pedro, ordem discipular iniciada por Jesus, come carne. Os judeus não comem porco, porque este é entendido como um animal impuro em razão da Escritura, mas comem outros animais. Matar animais para comer não é pecado e não impede ninguém de entrar no Céu: é a concepção judaico-cristã amplamente dominante.

Tem-se que reconhecer que a Bíblia, como um todo, independente do fragmento anterior, é refratária à filosofia dos direitos dos animais. Além de relatos de consumo de carne, são descritos detalhada e abundantemente *sacrifícios* de animais (o próprio Deus solicita, aceita), roupas de pele animal; animais como propriedade; ademais da noção expressa e sempre subjacente de que a vida humana é, por si, a mais (ou a única realmente) valiosa, bem como o sofrimento humano também.

Leonardo Boff, que fez votos na *primeira ordem* franciscana, que esteve assim na Igreja Católica, referência da *teologia da libertação*, não promove a defesa do vegetarianismo/veganismo, dos direitos dos animais. Porém, concorda com Tom Regan em um aspecto crucial. Em alusão ao emblemático capítulo 1 de Gênesis, 26-28, afirma Boff: “O sentido originário é este: o ser humano, na condição de homem e mulher, é o representante de Deus na criação, seu filho e sua filha, seu lugar-tenente e aquele

que prolonga a obra criadora de Deus. (...) Os termos ‘subjugar’ e ‘dominai’ devem ser entendidos nesse contexto, e não num sentido despótico.”¹⁰⁷ Admitindo que o significado que defende não foi aquele que predominou (as palavras *subjugai* e *dominai* “foram assumidas literalmente”), advoga Boff: “Os verbos subjugar e dominar são usados no sentido de administrar uma herança recebida do Pai e cuidar dela.”¹⁰⁸ Nesta esteira, o ser humano deve viver “a dimensão ética inscrita em seu ser” e, assim, assumir a sua “função/vocação de administrador responsável, de anjo da guarda e zelador da criação”¹⁰⁹.

Regan, em linha afinada, afirma, como antes visto, que o ser humano foi “incumbido da imensa responsabilidade de ser o representante do Criador na criação”. Esta *imensa responsabilidade* parece traduzir um dever de cuidado, de amparo, de equilíbrio.

Os defensores dos direitos dos animais devem ter muito cuidado ao buscarem integrar a tese dos animais como titulares de direitos e as suas convicções religiosas. Isto para não adotarem o personagem Humpty Dumpty. É o risco de ler o que se quer esteja escrito e não o que efetivamente está lá. É o perigo de desconsiderar que a (re)construção/atribuição de sentido é processo dialógico, comunicativo, que conserva a possibilidade da obtenção de um consenso, dentro de uma tradição e que, exatamente por isto, reclama fidelidade.

Como compreender que *subjugar* e *dominar* não possuem o significado linguístico convencionado. Subjugar, pelo Dicionário Houaiss, é *submeter alguém pela força das armas, conquistar, vencer, domar, dominar, reduzir ao estado doméstico*.¹¹⁰ Quem subjuga impõe a sua vontade a outro contra a vontade deste outro. Subjugação é coação, coerção, imposição. O conceito de subjugar, nos moldes referenciados, não é cuidar, zelar, amar, acolher, respeitar. Não posso afirmar isto sob pena de incorporar Humpty Dumpty.

Tenho todo o direito de sustentar que admitir que os animais possuem direitos é caminho para Deus; que no plano divino, em um lugar ideal de felicidade, harmonia, bem-aventurança, os se-

res humanos não fazem qualquer mal aos animais; que a dieta vegetariana/vegana é a dieta de Deus; que é pecado subjugar, dominar os animais. Só não posso proclamar isto com esteio na Bíblia, conforme escrita, conforme vivida pela grande maioria dos seus seguidores. É mais honesto romper com a Bíblia, no sentido de que ela não embasa os direitos dos animais ou o amor por eles (que os animais não constituem o *próximo* da sentença de Cristo: *amar o próximo como a si mesmo*), a admissão de que os animais têm valor intrínseco, apartado, portanto, de qualquer afetação humana, do que adaptá-la às minhas convicções, porquanto, em sendo assim, a Bíblia já não seria mais a Bíblia, passaria a ser a *minha Bíblia*.

Desenvolver uma *teologia da libertação animal* com esteio no Velho e/ou no Novo Testamento é *assujeitar o objeto*: a Bíblia passa a ser o que eu quero que ela seja (e cada um tem a sua). Percebe-se claramente o drama do religioso defensor da dignidade animal. Pode ficar em uma encruzilhada: ou rompe de um lado ou rompe do outro. A saída é romper com a *religião institucionalizada (tradicionalizada)*, não com a *religião*, com a crença de que o *religare* do humano com Deus requisita indispensavelmente o *religare* com os animais, com todos os seres. A comunhão plena, sem exclusões.

Por mais desconfortável que seja, é imperioso admitir que a Bíblia não é fonte apropriada a erguer a *filosofia animalista*. A menos que queiramos ser Humpty Dumpty.

7.2. Anjo da guarda ou *laissez-faire*?

É muito comum, inclusive entre aqueles que reconhecem os direitos dos animais, a idéia de que a humanidade foi investida (por Deus ou pela sua própria condição) na tarefa de salvaguardar a natureza, os seres, o planeta. O ser humano, *representante do Criador na criação, zelador da criação*, incumbido de ser o *anjo da guarda* de todo o mundo.

Não é nada difícil observar um cunho antropocêntrico neste pensamento. O ser humano é um ser especial, investido divinamente no papel central, logo após o próprio Deus, o qual confere a ele a *imensa responsabilidade* de ser o guardião, tutor dos animais, das plantas, ecossistemas, seres inanimados, enfim, o cosmos. Somente ele, entre todos os seres, pode realizar esta atividade. A *longa manus* de Deus, mandatário.

Mas, o que significa exatamente isto? Anjo da guarda? Significa intervir na natureza? Em que casos? Em qual medida? Com que fim? De que modo? A própria definição de *equilíbrio natural/ecológico* é complexa. E ademais o homem continua ignorando muito, a maior parte, das *leis da natureza*, do fino liame integrador da vida (*teia da vida*, Capra).

Por exemplo, supondo que uma espécie está em risco de extinção, sem que tal seja imputado a qualquer conduta humana, o homem deve intervir para salvar a espécie da extinção, mesmo que isto acarrete efeitos nefastos a outros seres? Uma resposta afirmativa teria anteparo no art. 225, § 1º, VII, da Constituição de 1988?¹¹¹ Sacrificar um ou alguns indivíduos para impedir a extinção de outra espécie ou da mesma espécie? Um colorido utilitarista.

Não é de desprezar a arrogância incutida nesta maneira de sentir/raciocinar. Sentir-se responsável é entender que tem como ser. Isto além de imaginar que o ser humano possa saber quais os desígnios divinos de sorte a operá-los. Uma hipótese bem exótica. Tendo em conta toda a dor, a perda de vidas animais, geradas pela dieta carnívora, inclusive entre os próprios animais, o homem deveria procurar uma reengenharia genética apta a transformar animais carnívoros em herbívoros? "*If we could arrange the gradual extinction of carnivorous species, replacing them with new herbivorous ones, ought we to do it?*"¹¹²

Até onde vai o poder humano? Matar outro animal para se alimentar é um ato mal em si, independente de o agente ser humano? E, sendo assim, deveria ser suprimido? Porém, Deus não fez a *ordem natural* assim?¹¹³ O homem estaria se arvorando

a consertar a criação divina? Isto nos leva à questão de saber se há uma perfeição, uma bondade, um propósito na natureza. Quando um homem se depara com um grupo de leões perseguindo um veado ainda criança, ele deveria salvar ou ajudar o animal? Se um filhote de búfalos se desgarrar da manada em peregrinação e, desorientado, vaga com fome e sede a ponto de morrer, o ser humano que apenas observa a vida selvagem tem a obrigação moral de intervir, *anjo da guarda* do pequeno e frágil búfalo?

Sem excluir particularismos, é importante levar em conta que o melhor papel a ser desempenhado pela humanidade diante da natureza pode ser nenhum, não ter papel, não intervir. Apenas impactar o ambiente, os demais seres, o menos possível; informada, ao menos como fio indicativo/sugestivo, pela legítima defesa e pelo estado de necessidade. E deixar o restante como é. Uma visão humilde, mas não mesquinha. A humanidade só responsável pelos seus próprios atos e não por todo o arranjo da vida, por tudo que acontece na Terra (ou no universo). E apenas esta responsabilidade já é uma *imensa responsabilidade*.

Para tudo aquilo que não diz respeito a efeitos produzidos pela humanidade, ao menos perceptivelmente, o ser humano deve adotar uma posição contida, *self-restraint*, não se arvorar em senhor (ou enviado do Senhor) do mundo. Já pode fazer muito em não fazer nada. Apenas observar, contemplar. Já faz muito ou tudo em não querer pôr ordem ou equilibrar a natureza. Aqui, vale a expressão, enunciada no contexto da economia na ótica de uma vertente do liberalismo:¹¹⁴ *laissez faire, laissez aller, laissez passer*.

8. Considerações Finais

É comum afirmar que nenhuma religião – nomeadamente aquelas concepções religiosas aqui inventariadas – ensina mal-tratar os animais, desconsiderar os seus interesses, ser impiedoso-

so, indiferente. A assertiva pode ser considerada verdadeira, em termos, pois nenhum sacerdote está a conclamar as crianças, os fiéis: “Vão, torturem estes animais!”, “Vamos deixar este animal sem água, comida, vamos queimar a sua pele!”, “Vá, jogue este produto químico nos olhos deste coelho!”, “Vamos encarcerar estes animais a vida toda!”, “Vamos retirar as suas peles e comer as suas línguas e seus fígados!”, “Vamos degolar a galinha e comer seu coração!”, “Vamos sugar, como indústria, o leite da vaca ainda que com sofrimento e abreviando o seu tempo de vida!”.

Pareceria bárbaro, pagão, antirreligioso, pregar algo assim do púlpito de uma sinagoga, de uma igreja, centro espírita ou de um templo indiano! Todavia, religiões, em maior ou menor medida, compactuam com isto. Não condenam tais práticas. Não anunciam ou não conclamam seus públicos a isto, mas participam silenciosamente do processo. Talvez por ignorância dos fatos, por constrangimento/vergonha ou insensibilidade. Inclusive em festas e cerimônias, como na Páscoa ou no Natal.

Imagina-se: as religiões são, genericamente, benevolentes com os animais. Mentira! Podem ensinar a não chutar um cachorro na rua ou a não cantar *Atirei o pau no gato...* Porém, o que dizer da coisificação animal para *alimentação*? Das roupas de couro? Da experimentação com animais? Dos zoológicos? Manifestações institucionais e não individuais (comuns e não isoladas). Nada. No máximo, muito pouco.

Um pensamento que permeia a maioria das religiões, ainda quando não explicitamente, é o de que a vida humana tem um valor supremo, um valor supremo, marque-se bem, sobretudo, para Deus. Deus se importaria prioritariamente ou exclusivamente com os homens, porque os animais, consoante noção generalizada, não podem concebê-Lo. Logo, não há comunicação possível ou inteligível, não há conversão, salvação para as suas almas, isto quando se admite terem alma.

Ora, transitar dos dotes que um ser possui para a conclusão de que, em função destes, a sua vida detém um valor escalonado, maior ou menor, conquanto tese que angaria vasto acolhi-

mento inclusive entre os adeptos do Direito dos Animais, não é isenta de embaraços e é refutada por muitos. A aptidão para escrever, voar, respirar na água, não é bastante para nivelar a vida. Mesmo que se entenda que o homem é o único *animal religioso*, isto não faz a sua vida ser mais relevante do que outras.¹¹⁵

As concepções religiões citadas, admita-se, são antropocêntricas. Religião, *religare*, é algo que diz respeito somente a Deus e ao ser humano. O ser humano seria o único *animal religioso*. Mas mesmo esta idéia pode ser posta em dúvida dentro da própria tradição cristão-católica. Conta-se que São Francisco de Assis pregou para pássaros e eles ouviram e somente voaram depois de terminada a pregação. Conta-se que Santo Antônio (de Pádua) pregou aos peixes. Bem, se tais histórias não forem consideradas metáforas, a pergunta é: os animais entenderam as pregações? Absorveram os ensinamentos? Em caso positivo, e é o que as histórias indicam, animais também são religiosos.¹¹⁶

Como afirmou Tom Regan, defensores dos direitos dos animais podem ter distintas religiões (*defensor cristão dos direitos dos animais, defensor hindu dos direitos dos animais*).¹¹⁷ O mesmo disse Arne Naess em relação à Ecologia Profunda. É verdade, pode ser. Porém, isto implica em uma adaptação, uma revisão, um abandono. É preciso ser suficientemente honesto para aceitar que o Judaísmo, o Cristianismo, o Espiritismo conservam noções incompatíveis com o Direito dos Animais, incontornáveis em causa da fidelidade ao modo pelo qual foram e são tradicionalmente concebidos. Algo semelhante pode ser dito ao Hinduísmo, Hare Krishna, conquanto seja aquela que mais se coaduna com a percepção de que animais possuem direitos, direitos oponíveis aos membros da espécie humana. Romper ou rever com a religião – enquanto convicção/programa institucional, discurso humano de coesão e identificação, pode ser doloroso.

Uma das razões pelas quais muitos são refratários à noção de que a escalada reencarnacionista, de que o progresso espiritual está aberto a animais humanos e não-humanos (isto sem falar dos outros seres viventes) sem barreiras entre espécies, todos a

trilhar um mesmo caminho, é não somente (ou talvez principalmente) a aproximação ou a igualação entre homens e animais, mas a identificação entre Deus e os animais, pois assim consideram prejudicada a idéia de terem sido criados à imagem e semelhança (únicas) de Deus. Não consideram que Deus possa ter outras imagens, outras semelhanças.

Entender o papel subalterno, coisificado, que religiões querem atribuir aos animais revela o caráter humano de tais crenças. *Especismo religioso*. Discursos humanos, não discursos divinos. Porquanto ser especista não é um atributo atribuível a Deus. Ora, compreendendo que Deus é amor, Ele só amaria os seres humanos?

Melhor é compreender que o *religare* é uma (re)ligação entre Deus, ser humano e ser não-humano. Em síntese, como já foi dito: “A minha religião é o amor por todos os seres.”¹¹⁸ E, conquanto se entenda que o reconhecimento de direitos não depende de amor, o amor pode ser tido como fonte de direitos.

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. Com aprovação do censor e do vigário-geral. Rio de Janeiro: Delta, 1980. Tb. versões oficiais, Vaticano, em italiano e em inglês.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CHATURVEDI, B. K.; MALTUR, Suresh Narain. *Deuses e deusas hindus*. Tradução de Selma Muro Borghesi. São Paulo: Madras, 2008.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Tratado de Direito Natural*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução por Guillon Ribeiro. 52.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

_____. (coord.). *O Livro dos Espíritos*. Tradução por Guillon Ribeiro. 91.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

LOURENÇO, Daniel Braga. A liberdade de culto e o direito dos animais não-humanos. In: *Revista de Direito Constitucional e Internacional*, São Paulo: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional: RT, n. 51, p. 295-318, abr./jun. 2005.

_____. *Direito dos Animais: fundamentos e novas perspectivas*. Porto Alegre: Sergio Fabris, 2008.

LOURENÇO, Daniel Braga; OLIVEIRA, Fábio Corrêa Souza de. *Em prol do Direito dos Animais: inventário, titularidade e categorias*. In: *Jurispoiesis*. Ano 12, n. 12, p. 113-157, 2009.

MCMAHAN, Jeff. *The meat eaters*. The New York Times, Opinionatur: Exclusive Online Commentary From The Times. 19 de setembro de 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OLIVEIRA, Fábio Corrêa Souza de. *Direito humanos e direitos não-humanos*. Capítulo de livro. No prelo.

ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia; física de metafísica*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PRABHUPADA. *O Bhagavad-gita como ele é*. Lisboa: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995.

REGAN, Tom. *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Tradução por Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006.

RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão: e outros ensaios a respeito de religião e assuntos afins*. Tradução de Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. Tradução de Marly Winckler. São Paulo: Lugano, 2004.

SINGER, Peter; MASON, Jim. *A ética da alimentação*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

STRECK, Lenio. *Verdade e consenso*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

NOTAS

- ¹ Duas marcações são devidas desde logo. A primeira: por *animal* entende-se *animal não-humano*, a opção é recurso de estilo. A segunda é que não se faz discriminação entre os animais para o efeito de reconhecê-los como albergados pelo Direito dos Animais, bem como que aquilo que se afirma para os animais pode ser estendido, em equivalência, respeitadas as singularidades, para as plantas. É que sigo o caminho da conciliação ou convergência do Direito dos Animais e da Ecologia Profunda.
- ² Na bibliografia mais recente, a título exemplificativo: ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia; física de metafísica*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007; DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão: e outros ensaios a respeito de religião e assuntos afins*. Tradução de Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2008. Antes, de Friedrich Nietzsche, *O anticristo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ³ Na teoria jurídica, o que se convencionou denominar de *pós-positivismo* se propõe a uma terceira posição diferente do jusnaturalismo e do juspositivismo, capaz de suplantar os conflitos e dilemas que antagonizaram as duas perspectivas clássicas. Ilustração do presente cenário é o debate sobre a colocação de símbolos religiosos em repartições estatais e locais públicos, bem como acerca dos feriados religiosos. Nomeadamente frente a Constituições que, ainda quando fazem menção a Deus ou assumem o fomento às entidades religiosas (como a Constituição do Brasil), não abraçam qualquer credo, não tomam partido por nenhuma corrente espiritual/religiosa. Nesta esteira, lembre-se a celeuma sobre a fixação de crucifixos conforme posta na Alemanha (*leading case* do Tribunal Constitucional) e na Itália. No Rio de Janeiro, a Presidência do Tribunal de Justiça, em recente decisão, determinou a retirada das insígnias religiosas de todas as salas e ambientes do Judiciário.

- ⁴ Não comer animais é postura associada à compaixão (identificação com o outro, reconhecer-se no outro), com a bondade, com a evolução espiritual, com a consciência da vida. Logo, a pergunta: como poderia Jesus, modelo de virtude, de sabedoria, de benignidade, não ser vegetariano? Ele não se compadecia, não amava os animais?
- ⁵ Com efeito, antes de afirmar que os animais não-humanos não ostentam tais propriedades, responsável, cientificamente prudente é trabalhar com a hipótese de não ter havido ainda – e isto não é certo – comprovação de que os animais não-humanos ignoram, por imposição (limitação) da sua própria natureza, estas faculdades. Como assinalado, do elenco exposto, a sentença entoada como uma obviedade e repetida à beira do consenso total é a de que carece aos animais qualquer senso de moralidade, ou seja, de fazer julgamentos acerca do certo e do errado. Será? É esperável que, em um porvir não distante, seja verificado, se já não o foi, pois existem observações neste viés, que animais são capazes de juízos morais. Como classificar a atitude de um cão que frente a perigo mortal, podendo fugir, fica para defender seu amigo humano? A sua ação não é baseada em nenhum juízo de dever, do que é correto? É baseada, como muitos dizem, em (mero) instinto (de autopreservação ou sobrevivência do outro, da matilha)? Mas, o que é exatamente instinto? Não se está, de maneira apriorística, concluindo pela subtração desta dimensão moral? É claro que a questão não se põe apenas na relação entre animais humanos e não-humanos. Ela abrange seres da mesma espécie e de espécies não-humanas entre si. O comportamento de macacas que ostensivamente mostram, erguem seus filhotes ao atravessar uma via com tráfego humano, como um salvo-conduto. Alimentar primeiro a cria e depois a si. A baleia que desfere cabeçadas no navio a fim de salvar seu bebê arpoado (propositadamente para atraí-la). O cuidado com feridos. Atitudes que muitos humanos não têm. O sentido moral é totalmente desconhecido fora da espécie humana? Nenhuma atitude pode ser assim nomeada? Não é apropriado, ao menos, o benefício da dúvida?
- ⁶ A doutrina animalista brasileira conta com qualificada literatura sobre o assunto. Por todos: PAIXÃO, Rita; SCHRAMM, Fermin Roland. *Experimentação animal: razões e emoções para uma ética*. Niterói: UFF, 2008; FELIPE, Sônia T. *Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*. Florianópolis: UFSC, 2007; LEVAI, Laerte Fernando. *O direito à escusa de consciência na experimentação animal*. In: A dignidade da vida e os direitos

fundamentais para além dos humanos. Belo Horizonte: Fórum, p. 429-450, 2008.

- ⁷ Confira-se LOURENÇO, Daniel Braga. *A liberdade de culto e o direito dos animais não-humanos*. In: *Revista de Direito Constitucional e Internacional*, São Paulo: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional: RT, n. 51, p. 295-318, abr./jun. 2005. Em nota acerca do caso a ser julgado pelo STF, aguardando pauta desde 2007, entretanto a lei que autoriza o *sacrifício* gera efeito, LOURENÇO, Daniel Braga; OLIVEIRA, Fábio Corrêa Souza de. *Em prol do Direito dos Animais: inventário, titularidade e categorias*. In: *Jurispoiesis*. Ano 12, n. 12, p. 113-157, 2009, p. 139, 143, 144.
- ⁸ A compreensão de tais textos, como de qualquer outro, é problemática hermenêutica onde se insere a relação entre sujeito e objeto (de interação, mas não de confusão – quebra da *filosofia da consciência*, separação absoluta entre sujeito e objeto, e da *assujeitamento* do objeto), o *ser a/ser no mundo* (Heidegger – a crítica da inexistência de grau zero de sentido), os limites semânticos da escrita, a tradição, a ruptura com a interpretação enquanto declaração de um sentido já aprioristicamente contido (pronto, acabado) na redação (*in claris cessat interpretativo*), a coerência, campo da *filosofia da linguagem*. Utilizou-se a Bíblia em versões atestadas pelo Vaticano (*site* oficial) em italiano e em inglês, bem como edição brasileira também católica. Em relação ao *O Livro dos Espíritos*, edição da Federação Espírita Brasileira (FEB), bem como *A Gênese*. A publicação do Bhagavad-gita, versão de Prabhupada, é pela The Bhaktivedanta Book Trust, responsável editorial da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna, fundada por Prabhupada.
- ⁹ Optou-se por fazer uma análise sobre os próprios textos, sem exame da literatura produzida sobre eles, Assim, restaram de fora pensadores referenciais, como, no cristianismo, por ex., Santo Agostinho e Santo Tomaz de Aquino. Em uma produção mais recente, em língua portuguesa, voltada para o Direito Natural, veja-se GONZAGA, Tomás Antônio. *Tratado de Direito Natural*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Na bibliografia brasileira do Direito dos Animais, consulte-se LOURENÇO, Daniel. *Direito dos Animais: fundamentos e novas perspectivas*. Porto Alegre: Sergio Fabris, 2008, p. 103-153.
- ¹⁰ Bíblia Sagrada. Com aprovação do censor e do vigário-geral. Rio de Janeiro: Delta, 1980, p. 5. “E o Senhor disse à serpente: Pois que tu assim o

fizeste, tu és maldita entre todos os animais e bestas da terra: tu andarás de rojo sobre o teu ventre, e comerás terra todos os dias da tua vida, Eu porei inimizades entre ti e a mulher; entre a tua posteridade e a dela. Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar. Disse também à mulher: eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos. Tu parirás teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará. A Adão porém disse: Pois que tu deste ouvidos à voz da tua mulher, e comeste do fruto da árvore, de que eu tinha ordenado que não comesses; a terra será maldita por causa da tua obra; tu tirarás dela o teu sustento à força de trabalho. Ela te produzirá espinhos e abrolhos: e tu terás por sustento as ervas da terra. Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste formado. Porque tu és pó, e em pó te hás de tornar.” Genesis, 1, 14-20. Vê-se aqui a denotação de uma sociedade machista, patriarcal, da misoginia, um direcionamento da divisão das atividades: função doméstica para as mulheres, mães; trabalho para a manutenção da família destinado ao homem.

- ¹¹ Gênesis, 1, 21: “Fez também o Senhor Deus a Adão, e a sua mulher, umas túnicas de peles, e os vestiu com elas.”
- ¹² Gênesis, 1, 26-27.
- ¹³ Gênesis, 1, 28-30.
- ¹⁴ Voltaremos a esta passagem no tópico 7.1.
- ¹⁵ “(...) tentou Deus a Abraão (...) Continuou Deus: Toma a Isaac teu filho único, a quem tu tanto amas, e vai à terra da Visão. E oferecer-mo-ás em holocausto sobre um dos montes, que eu te mostrarei. (...) levantou Abraão um altar; pôs-lhe a lenha em cima, depois atou a seu filho Isaac, e o pôs sobre a lenha, que tinha disposto sobre o altar. E estendendo a mão pegou no cutelo para imolar seu filho. Mas a esse mesmo ponto lhe gritou do céu o anjo do Senhor (...) Abraão, levantando os olhos, viu atrás de si um carneiro, que estava embaraçado pelas pontas na rama dum espinheiro; e, pegando nele, o ofereceu em holocausto em lugar de seu filho.” Gênesis, 22, 9-13. Segundo o Islã, foi Ismael e não Isaac o substituído pelo *cordeiro (de Deus?)*. Conforme alguns textos, o próprio anjo teria ordenado a Abraão sacrificar o cordeiro.
- ¹⁶ “Ora, Noé edificou um altar ao Senhor; e tomando de todas as reses e de todas as aves, ofereceu-lhas em holocausto sobre o altar. O que foi assim agradável ao Senhor, como um suave cheiro (...)” Gênesis, 8, 21.

- ¹⁷ Êxodo, 29. Os trechos são muitos. Em só mais dois exemplos. “Far-me-eis um altar de terra, e oferecereis em cima dele os vossos holocaustos, as vossas hóstias pacíficas, as vossas ovelhas, e os vossos bois (...) Êxodo, 20, 24. “Se a oferenda do holocausto for de aves, a saber, de rolas ou de pombinhos, o sacerdote oferecerá a hóstia no altar; e torcendo-lhe a cabeça sobre o pescoço, far-lhe-á uma ferida, e nela uma abertura, por onde faça correr o sangue por cima da borda do altar.” Levítico, 1, 14-15.
- ¹⁸ Levítico, 22, 22. Tb. Malaquias, 1, 8.
- ¹⁹ “Vendo pois o Senhor que a malícia dos homens era grande sobre a terra, e que todos os pensamentos dos seus corações, em todo o tempo eram aplicados ao mal: arrependeu-se de ter criado o homem no mundo; e tocado interiormente de dor, disse: Eu destruirei de cima da face da terra o homem que criei. Estenderei a minha vingança desde o homem até aos animais, desde os répteis até às aves do céu: porque me pesa de os ter criado.” Gênesis, 6, 5-7. Logo adiante: “Eu tenho resolvido dar cabo de toda a carne. A terra está cheia das iniquidades, que os homens têm nela cometido, e eu os farei perecer com a terra.” Gênesis, 6, 13.
- ²⁰ Levítico, 20, 15-16. V. tb. Deuteronômio, 27, 21.
- ²¹ “Eu sairei à meia noite a correr o Egito. E todos os primogênitos morrerão nas terras do Egito, desde o primogênito de Faraó, que está sentado no seu trono, até o primogênito da escrava, que está à mó do moinho, e até os primogênitos dos animais.” Êxodo, 11, 4-5. Tb. Êxodo, 12, 29.
- ²² “Disse também o Senhor a Moisés, e a Aarão (...) Ao décimo dia deste mês tome cada um, um cordeiro para a sua família, e para a sua casa. (...) Vós o guardareis até o dia catorze deste mês: e toda a multidão dos filhos de Israel o imolará pela tarde. Eles tomarão o seu sangue, e pô-lo-ão sobre as duas umbreiras, e sobre a verga das portas das casas, onde eles o comerem. (...) Comer-lhe-eis a cabeça com os pés, e com os intestinos. (...) porque é a Páscoa, isto é, a passagem do Senhor. (...) o sangue, com que estiver marcada cada casa, onde vós morardes, servirá de sinal a vosso favor: eu verei o sangue e eu passarei a outra parte: e a praga da morte não tocará em vós, quando eu ferir todo o Egito. Êxodo, 12, 1-13.
- ²³ Ainda hoje, incontáveis animais são mortos/*sacrificados* na Páscoa em homenagem/lembrança do que se conta que aconteceu no Egito. Em rituais concorridos, em altares, em matanças públicas, quando não seus corpos aparecem nas mesas sem maior ostentação, em hábito trivializa-

do. Ilustração da carnificina a céu aberto, aos olhos de todos, ocorre em Senegal (Tabaski).

- ²⁴ Em fragmentos: “Depois falou o Senhor a Moisés, e a Aarão, e lhes disse: Declarai aos filhos de Israel o seguinte: De todos os animais da terra, eis aqui os de que vós poderei comer. Dentre os quadrúpedes poderei comer daqueles que têm a unha rachada, e que remoem. Quanto aos que remoem, mas não têm a unha rachada, como são os camelos e outros animais, não comereis deles, e reputá-los-eis imundos. (...) Não comereis carne de nenhum destes animais, nem tocareis os seus cadáveres, porque os deveis ter por imundos. Eis aqui os aquáticos de que vos é permitido comer: Comereis de tudo o que tem barbatanas, e escamas, tanto no mar, como nos rios, como nos tanques. Mas tudo o que se move, e vive nas águas sem ter barbatana, nem escamas, será para vós abominável, e execrando. Não comereis da carne destes aquáticos, nem os tocarei, quando estiverem mortos. (...) A lebre é imunda (...) O porco também é imundo (...) tudo o que se move e vive nas águas sem ter barbatana, nem escamas, será para vós abominável, e execrando. (...) Das aves, eis aqui as de que vós não comereis, e as que deveis evitar: (...) Também entre os animais, que se movem sobre a terra, deveis vós reputar imundos estes: a doninha, o rato; o crocodilo (...) o musaranho, o camaleão, o estelião, a lagartixa, a toupeira. (...) Tudo o que anda de rastros sobre a terra, será abominável, e não se comerá dele.” Levítico, 11.

²⁵ Números, 22, 22-33.

²⁶ Mateus, 5, 26.

²⁷ Mateus, 12, 12. Em algumas versões, o dizer vem como uma exclamação: “Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha!”

²⁸ Lucas, 5, 5-6. Marcos, 6, 30-44.

²⁹ Mateus, 15, 11.

³⁰ Ato dos Apóstolos, 10, 11-16.

³¹ Palavras de Pedro: “Vós sabeis como é coisa abominável para um homem judeu o juntar-se ou unir-se a um estrangeiro: mas Deus me mostrou que a nenhum homem chamasse comum ou imundo.” Ato dos Apóstolos, 10, 28.

³² Mateus, 21, 18-22.

- ³³ “E vendo isto os discípulos, se admiraram, dizendo: Como se secou para logo? E respondendo Jesus, lhes disse: Na verdade vos digo que, se tiverdes fé, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer à figueira, mas ainda se disserdes a este monte, tira-te, e lança-te ao mar, assim se fará.” Mateus, 18, 20-21.
- ³⁴ Marcos, 5, 1-20.
- ³⁵ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1.233.
- ³⁶ O próprio Kardec assume o vocábulo *espiritismo* a traduzir a *doutrina dos espíritos*, ou seja, a doutrina ensinada por espíritos aos encarnados por meio do fenômeno mediúnico, nomeadamente aquela exposta nas obras que levam a sua insígnia, enumeradas a seguir. E *espíritas* ou *espiritistas*, os seus adeptos. Especificamente, de Allan Kardec, *O que é Espiritismo*. Tb., pontualmente: KARDEC, Allan (coord.). *O Livro dos Espíritos*. Tradução por Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008, p. 15 e 16.
- ³⁷ Além das obras citadas, Kardec escreveu vários opúsculos, editou a *Revista Espírita*, onde publicou textos. Depois da sua morte foi editado o livro *Obras póstumas*.
- ³⁸ Subtítulo de *O livro dos espíritos*, cit.
- ³⁹ As respostas não são, pois, resultado da especulação de humanos encarnados, amesquinhada pela condição de espíritos menos elevados ou inferiores, cogitações toscas, mediócras. As lições ministradas vêm de seres de maior compreensão espiritual e são assim aceitas. Em que pese a concepção, encampada pela doutrina espírita, de que as idéias de um espírito são o retrato, dependem do seu estágio evolutivo, o que portanto se aplica igualmente àqueles espíritos comunicantes, Kardec sublinha (e os espíritas que o sucederam reiteram) que os ensinamentos constantes do aludido livro, bem como, por exemplo, de *O livro dos médiuns* (que segue o mesmo modelo), não foram contraditados, isto é, seguem verdadeiros. O que acontece é que, na dependência da indagação, a resposta é a de que nós (ou pelo menos a imensa maioria daqueles encarnados neste planeta) não podemos (ainda) entender. Logo, os *espíritos superiores* não revelam tudo o que poderiam (sabem), sendo certo que aquilo que o espírito conhece depende do seu amadurecimento, da sua elevação espiritual. Não se deve supor que os espíritos comunican-

tes soubessem tudo. Enfim, de duas, uma: a resposta não é sabida pelos espíritos ou não é dada porque nós (espíritos encarnados) não podemos (por ora) compreender. V., *v.g.*, em *O livro dos espíritos*, as respostas aos questionamentos de números 10, 11, 14, 17, 21, 48, 83. Como será visto adiante, no que concerne aos animais (e também às plantas), aspectos nucleares ficam em aberto, o que também ocorre em outros assuntos versados.

⁴⁰ *O livro dos espíritos*, cit., p. 330.

⁴¹ Ob. cit., p. 330, 331 e 332. Em comentário, escreve Kardec: “Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. (...) O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido a ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza.” P. 330 e 331. Este pensamento de Kardec parece questionável. Parece contrariar a teoria da evolução das espécies, entendida evolução como o progresso de adaptação às circunstâncias, o qual não se resume a dotes, digamos simplificada, físicos, vez que engloba a inteligência. Não parece preciso dizer que todos os animais, com exceção dos humanos, operam hoje o mesmo que faziam desde o seu aparecimento, sem qualquer modificação, aprendido. Aprendizado que, ressalte-se, não depende da incursão humana, como a não haver “progresso que lhe seja próprio.” Enfim, talvez a crítica principal seja questionar a última assertiva de Kardec, com a qual fecha a passagem transcrita. Quais são os limites que a natureza traçou aos animais (não-humanos)? O homem conhece absolutamente estes limites? É traço natural ou traço pelas mãos humanas?

⁴² Pergunta nº 595. Cit., p. 332.

⁴³ Pergunta nº 597. Idem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Pergunta nº 598. Cit., p. 333.

- ⁴⁶ Fora do espiritismo, outras religiões, que comungam da viabilidade do contato entre encarnados e desencarnados, aceitam a comunicação entre homens e animais (sejam ou não, como se costuma intitular, animais de estimação). De acordo com a *doutrina dos espíritos* (todos obviamente humanos), sentir a presença de um animal falecido, querido, com quem dividiu bons momentos, pouco ou muito tempo, como relatos de algumas pessoas humanas, carece de procedência. Ao contrário, sentir a presença de humanos mortos é factível.
- ⁴⁷ Pergunta nº 599. Cit., p. 333.
- ⁴⁸ Pergunta nº 600. Idem.
- ⁴⁹ Idem.
- ⁵⁰ Assim, esta concepção encampa a idéia de que a humanidade é o topo da escala da vida e que os demais seres caminham para o *status* humano.
- ⁵¹ Pergunta nº 601. Idem.
- ⁵² A não ser que se considere que os animais que vivem em *mundos superiores* tenham sido criados já animais superiores para atender aos humanos superiores que nestes lugares habitam. Não haveria uma progressão de mundos. Afigura-se haver uma contradição nesta sede: se, como assevera Kardec, os animais não conhecem progresso próprio, se apenas repetem o que sempre fizeram ou o que está nos ditames e limites das suas naturezas, como evoluem para os *mundos superiores*, quando então possuem novas habilidades? Compare-se a anotação de Kardec à pergunta nº 593 com a resposta à indagação nº 601 e o respectivo comentário de Kardec.
- ⁵³ Pergunta nº 603. Cit., p. 334.
- ⁵⁴ Resposta à questão nº 604: "Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contato que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas idéias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei

não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.”

⁵⁵ Pergunta nº 604, a. Cit., p. 335.

⁵⁶ Pergunta nº 602. Cit., p. 334.

⁵⁷ V. tb. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução por Guillon Ribeiro. 52.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009, p. 89 e 90.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Pergunta nº 595. Cit., p. 332.

⁶⁰ Consoante a profissão espírita, os animais são governados tão somente pelos instintos, pela natureza material. Quando o homem não governa seus instintos, haja vista que possui uma *natureza espiritual*, ele, em causa do descontrole destas suas paixões, é rebaixado ao nível dos animais. O espiritismo compõe com o comum das religiões: é preciso que o ser humano domestique seus instintos, sob pena de se animalizar. Alguns instintos, desejos/ímpetos físicos, normais (ou naturais) nos animais, não são toleráveis entre os humanos (*grosseria dos apetites animais*), vulneram a sua *natureza espiritual*. “Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se à sua verdadeira destinação.” Pergunta nº 605. Cit., p. 336.

⁶¹ Não é o caso aqui de inventariar esta lista espúria, vil, ignóbil, assombrosa. Realmente, tais comportamentos indicam o degrau evolutivo humano. Para minuciosos elencos, entre outros: SINGER, Peter. *Libertação animal*. Tradução de Marly Winckler. São Paulo: Lugano, 2004, p. 27-178; REGAN, Tom. *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Tradução por Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006, p. 103-223.

⁶² Pergunta nº 607. Cit., p. 336.

⁶³ “Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente.” Resposta à interrogação nº 611. Cit., p. 338 e 339.

⁶⁴ Por outro lado, a continuidade material, orgânica, formando um encadeamento físico, não é posta em dúvida. Cf. *O livro dos espíritos*, cit., p. 81-84; *A gênese*, cit., p. 230-235.

⁶⁵ Pergunta nº 610. Cit., p. 338.

⁶⁶ Pergunta nº 612. Cit., p. 339.

⁶⁷ Cit., p. 340.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Cit., p. 341.

⁷¹ Há um dado curioso aqui. Espíritos que aceitam ou pedem matança de animal são considerados, por muitos, menos evoluídos, a prática mediúnica/espiritual é qualificada como menos esclarecida, rudimentar, havendo mesmo associação com *magia negra*. A grande maioria daqueles que fazem tal crítica ou condenação, porém, se alimentam regularmente de carne, utilizam couro, compartilham de outros modos de exploração animal. Se o encarnado mata animais para comer, por qual razão o espírito não poderia receber animais como oferenda (a chamada *comida de santo*)? É questão de padrão cultural. Enquanto, por ex., a dieta carnívora permanece difundida e forte, embora cada vez mais contestada, matar ou mutilar animais em nome da liberdade religiosa/de culto ostenta intensa e crescente reprovação social.

⁷² Pergunta nº 669, b. Cit., p. 365. Calha realçar o tom da afirmativa que parece não nivelar no mesmo patamar o *sacrifício* humano e o *sacrifício* animal. Permite o entendimento de que a matança de animais em oferecimento a Deus é menos grave do que a morte de humanos. Em indagação posterior, de nº 673, é manifestado um juízo instrumental em relação aos animais, o que acaba corroborando o apontamento antecedente. “Não seria um meio de tornar essas oferendas agradáveis a Deus consagrá-las a minorar os sofrimentos daqueles a quem falta o necessário e, neste caso, o sacrifício dos animais, praticado com fim útil, não se tornaria meritório, ao passo que era abusivo quando para nada servia, ou só aproveitava aos que de nada precisavam?” Isto é, por exemplo, comer (os pobres) a carne de animais dados em *sacrifício*. A resposta é evasiva. Sem embargo, enseja uma interpretação que avaliza o *sacrifício* animal: “Deus abençoa sempre os que fazem o bem. O melhor meio de

honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. Não quero dizer com isto que ele desaprove as cerimônias que praticais para lhe dirigirdes as vossas preces.” De todo jeito, como já assinalado, o *sacrifício* de animais não é uma prática espírita. Não há notícia de uma casa espírita, na linha de Kardec, que promova a morte de animais para Deus ou para espíritos, não integra o exercício da mediunidade.

⁷³ PRABHUPADA. *O Bhagavad-gita como ele é*. Lisboa: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995, p. 312.

⁷⁴ “Em Krsnaloka, no céu espiritual, há vacas que podem ser ordenhadas a qualquer hora, e elas dão tanto leite quanto se queira. É claro que essas vacas não existem neste mundo material, mas menciona-se que elas estão presentes em Krsnaloka. O Senhor mantém muitas dessas vacas, chamadas *surabhi*.” Comentário de Prabhupada ao verso 28 do capítulo 10 do Gita. Cit., p. 515. Tb. o significado dado ao verso 21 do capítulo 8, descrevendo Goloka Vrmdavana, p. 419 e 420.

⁷⁵ Narasimha, meio-leão e meio-homem; Ganesha, que possui forma metade elefante e metade humana; Garuda, metade pássaro, metade humano; Hanuman, concebido em misto homem e macaco; Varaha, forma de javali e forma humana. A configuração da divindade pode não apresentar expressão humana, há variação. Matsya, peixe; Kurma, tartaruga. Vishnu se manifesta deitado em uma serpente ou com serpentes por detrás, acima do ombro, circundando a cabeça, entre outras figurações. Calha sublinhar que Shiva é visto utilizando pele de tigre. Seres classificados como inanimados, ecossistemas são identificados com deidades, manifestações divinas, ambientes sagrados, como o rio Ganges, extensão terrena na deusa Ganga. Na Índia, outros animais são venerados, inclusive ratos (com templo a eles dedicado), o que causa especial estranheza ao olhar judaico-cristão, euro-americano e outros. Vale salientar também que o próprio Krishna, *a suprema personalidade de Deus*, utiliza pena de pavão no cabelo. Por ex., CHATURVEDI, B. K.; MALTUR, Suresh Narain. *Deuses e deusas hindus*. Tradução de Selma Muro Borghesi. São Paulo: Madras, 2008. Calha observar também que a forma de Krishna, a suprema forma de Deus, “a forma original de Deus”, é inteiramente humana, sem qualquer traço animal.

⁷⁶ “Logo, entregar-se à matança de animais só para satisfazer a língua é a espécie mais grosseira de ignorância. O ser humano não tem necessidade de matar animais, porque Deus forneceu-lhe tantas coisas boas.

Se, apesar disso, ele insiste em comer carne, deve-se entender que está agindo em ignorância e está tornando ser futuro muito tenebroso.” Gita, comentário ao verso 16, capítulo 14, p. 665 e 666.

⁷⁷ Idem, p. 665.

⁷⁸ As pessoas (humanas) espiritualmente ignorantes, enredadas no *ciclo de samsara* (nascimentos e mortes), “não vêem que, matando um animal, estão assumindo o risco de serem mortas pelo mesmo animal na vida seguinte.” Comentário ao verso 17, capítulo 14, p. 667.

⁷⁹ Verso 18, capítulo 5. Comentário de Prabhupada: “Quem é consciente de Krsna não faz nenhuma distinção entre espécies ou castas. Do ponto de vista social, o *brahmana* e o pária talvez sejam diferentes, ou do ponto de vista das espécies, um cachorro, uma vaca e um elefante podem ser diferentes, mas o transcendentalista erudito não dá nenhuma importância a essas diferenças de corpo. Isto se deve à relação existente entre eles e o Supremo, pois o Senhor Supremo, por meio de Sua porção plenária como Paramatma, está presente no coração de todos. Essa compreensão acerca do Supremo é verdadeiro conhecimento. Quanto aos corpos nas diferentes castas ou diferentes espécies de vida, o Senhor é igualmente bondoso com todos, porque Ele trata cada ser vivo como amigo, e Se mantém como Paramatma independentemente das circunstâncias a que estão sujeitas as entidades vivas.” Tb., por ex., comentário ao verso 20 do capítulo 18, p. 775.

⁸⁰ Diz-se que existem 8.400.000 formas de vida. Capítulo 13, comentário ao verso 21; capítulo 15, comentário ao verso 9. São escalas pelas quais a alma passa, embora não necessariamente por todas elas em função de arranjos diversos.

⁸¹ “A vida animal é sempre miserável, embora, sob o encanto de *maya*, ou a energia ilusória, os animais não compreendam isso.” Comentário, verso 16, capítulo 14, p. 665.

⁸² Cit., p. 15.

⁸³ “Os homens devem ter suficiente inteligência para compreender a importância da vida humana e para se recusarem a agir como animais comuns.” Idem.

⁸⁴ Os animais não estão proibidos de consumir carne: “Os animais podem matar outros animais vivos, mas fica fora de cogitação que com isto

eles estejam cometendo algum pecado. Entretanto, se um homem mata algum animal para satisfazer seu paladar descontrolado, ele deve ser responsável por infringir as leis da natureza.” Idem. A expressão *leis da natureza* é bem elucidativa. A lógica védica é que a alma encarna em certo corpo para dar vazão a propensões, desejos. Como será apontado logo adiante, o corpo é pertinente à consciência que o indivíduo possui. No corpo material, a alma está condicionada a ele, segundo as leis físicas, da natureza. Desta feita, não faz sentido imaginar que o leão peca quando come uma gazela, o sapo um inseto ou o tubarão um peixe. Estão submetidos aos ditames corporais, materiais, a consciência está embotada, não responde por estes e outros atos. *E.g.*, p. 635-637.

- ⁸⁵ Prabhupada ao verso 26 do capítulo 4. P. 241.
- ⁸⁶ Na lição Hare Krishna, o principal método (mais fácil, mais eficaz) para obter sucesso espiritual, na *Era do Ferro*, tempo de decadência, é cantar o maha-mantra: “Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare.” Cf., por ex., p. 31, 403 e 404. Ora, os animais não podem cantar o maha-mantra. Porém, podem escutar. E a escuta pode beneficiá-los.
- ⁸⁷ Significado ao verso 15, capítulo 14, p. 664. É falado pelo Senhor que o ser humano, “quando morre no modo da ignorância, nasce no reino animal.” Acerca de tal assertiva, acrescenta Prabhupada: “Desse ponto ele tem de se elevar novamente, através de um processo evolutivo, para mais uma vez chegar à forma humana.”
- ⁸⁸ Diante da degradingolada sociedade humana, o registro de Prabhupada: “Uma civilização que induz os cidadãos a se tornarem animais em suas próximas vidas com certeza não é uma civilização humana.” P. 666.
- ⁸⁹ Significado do verso 31, capítulo 2, p. 112. A assertiva é feita em paralelo à defesa da luta em prol de uma causa correta, guerra justa ou necessária, espelhando o cumprimento do papel que se espera de um ksatriya (guerreiro), tal qual Arjuna, que, relutante, foi aconselhado, por Krishna, a lutar.
- ⁹⁰ Idem. Consoante a cultura hindu, um brahmana, sábio religioso, pessoa santa, grande alma (mahatma), tem poder de condenar um humano à morte, em razão do conhecimento espiritual que ostenta. A noção é a mesma, a de que a morte é melhor para o próprio condenado, uma purgação de carma. Veja-se o próprio verso 17, capítulo 18. “Mesmo os

brahmanas, que executam diferentes categorias de sacrifício, às vezes devem matar animais porque há algumas cerimônias em que se sacrificam animais.” Comentário ao verso 47 do capítulo 18, p. 794.

- ⁹¹ Novamente o mesmo conceito: “Embora se recomende na literatura védica que certos animais sejam mortos em sacrifício, não se considera que o animal é morto. O sacrifício serve para dar nova vida ao animal. Algumas vezes, após ser morto no sacrifício, o animal recebe uma nova vida animal, e outras, o animal é imediatamente promovido à forma de vida humana.” Significado dado ao verso 3, capítulo 18, p. 762.
- ⁹² Segundo os livros védicos, existem quatro eras: a *Era do Outro*, a *Era da Prata*, a *Era do Bronze* e a *Era do Ferro*. *Kali Yuga* tem duração de 432.000 anos e começou há cerca de 5.000 anos, quando do desaparecimento de Krishna (do planeta). Uma das características deste tempo do mal é a morte desautorizada de animais. Significa, pois, que, em outras épocas, a matança de animais pode ser justificada.
- ⁹³ Anotação ao verso 7 do capítulo 4, p. 216.
- ⁹⁴ Verso, 44, capítulo 18. P. 791. Tb. comentário de Prabhupada ao já citado verso 16 do capítulo 14.
- ⁹⁵ Consulte-se, por ex.: SINGER, Peter; MASON, Jim. *A ética da alimentação*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, p. 45-74.
- ⁹⁶ Mesmo a idéia do ser humano como um fim em si pode ser questionada pela religião. É que há o entendimento de que Deus criou o homem (e apenas ele) para Ele próprio. “Que glória receberia Deus da criação de tantos entes quantos concorrem para a composição desta grande fábrica do mundo, se entre todos não houvesse algum que pudesse reconhecer a sua sabedoria, a sua majestade e a sua onipotência?” GONZAGA, Tomás Antônio. Cit., p. 9. Qual, então, a valia dos animais uma vez que eles não sabem (cogitam) da existência de Deus? Bem, como sabem da existência humana, servem a propósitos humanos. Além da tese, tão ao gosto de alguns, de que para os animais o ser humano é Deus.
- ⁹⁷ Cit., p. 94.
- ⁹⁸ Acerca da *hermenêutica filosófica*, na produção jurídica brasileira, veja-se STRECK, Lenio. *Verdade e consenso*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- ⁹⁹ Ob. cit., p. 94 e ss.

¹⁰⁰ Gênesis, 1, 26-28: “Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea. Deus os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra.”

¹⁰¹ Gênesis, 9: “E Deus abençoou a Noé e seus filhos. E disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra. Temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra, todas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em vossas mãos pus todos os peixes do mar. Sustentai-vos de tudo o que tem vida, e movimento: eu vos deixei todas estas coisas quase como os legumes e ervas. Excetuo-vos somente a carne misturada com sangue, da qual eu vos defendo que não comais. Porque eu tomarei vingança de todos os animais, que tiverem derramado o vosso sangue; (...) Todo o que derrama sangue humano será castigado com a efusão do próprio sangue. Porque o homem foi feito à imagem de Deus. Vós, porém, crescei e multiplicai-vos sobre a terra, e enchei-a.”

¹⁰² Cit., p. 84.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Cit., p. 85.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Bíblia Sagrada, cit., p. 3.

¹⁰⁷ BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 59.

¹⁰⁸ Idem, p. 59 e 60. “Uma coisa é o sentido do texto nos quadros culturais do hagiógrafo de quase três mil anos atrás. Outra é sua recepção pelos leitores atuais, inseridos num quadro cultural diverso.” P. 59. Esta assertiva de Boff é de veras problemática para o saber religioso, visto que a religião, forte na fé, trabalha com mandamentos, valores eternos, absolutos, que, como tais, singularizam uma escritura sagrada. *A palavra de Deus*. Logo, problemático procurar contextualizar as sentenças religiosas, superando a *literalidade*, porquanto é aceitar uma relatividade, a historicidade. Ao criticar a apreensão que a *modernidade* (cita Descartes e

Bacon) fez das palavras *subjugar* e *dominar*, admoesta Boff: “Precisamos rever essa compreensão e resgatar o sentido originário, profundamente ecológico da mensagem bíblica.” P. 60. Mas, qual o *sentido originário*? Não é o *sentido do texto nos quadros culturais do hagiógrafo de quase três mil anos atrás*. Qual é então? Quem dirá, em meio a controvérsias, qual o *sentido original*?

¹⁰⁹ Idem, p. 48.

¹¹⁰ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2.625.

¹¹¹ “Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. § 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: (...) VII- proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.”

¹¹² A pergunta é de Jeff McMahan, Professor de Filosofia da *Rutgers University* e *visiting research collaborator* no *Center for Human Values* da *Princeton University*. *The New York Times*, Opinionatur: Exclusive Online Commentary From The Times. *The meat eaters*. 19 de setembro de 2010.

¹¹³ Cumpre recordar que, segundo uma teoria, no Éden ninguém era carnívoro, nem os humanos e nem os animais não-humanos. E todos viviam bem, em paz, em convivência harmônica. Quando o homem foi expulso do Paraíso, tudo se degingolou e os animais passaram a comer uns aos outros. De onde se extrai que nada mais se estaria fazendo do que corrigir uma falha humana.

¹¹⁴ Contrariado por Keynes, destacadamente, no seu livro *The end of laissez faire*.

¹¹⁵ Aplicado aqui o critério, proposto por Peter Singer, de capacidade de projetar o futuro, que animais não teriam, a vida humana pode, na dependência do caso, ser considerada mais relevante, vez que o indivíduo que tem planos para o porvir perde mais com a morte do que outro ser que não os tem, ganha especial relevo. É que o ser humano planeja não apenas para esta vida, mas também para além desta existência, ele projeta para depois da morte física. De toda maneira, pesquisas recentes

demonstraram que animais possuem sim noção de futuro, fazendo projeção, ademais de uma memória do passado.

¹¹⁶ Em outra narrativa, Santo Antônio aceitou o desafio lançado por homem que disse que acreditaria estar Cristo realmente presente na hóstia se o seu jumento ajoelhasse diante dela. O animal foi deixado três dias sem comer. Colocado perante um prato de comida e a hóstia, o animal, deixando o prato de refeição apesar da fome, se curvou à hóstia. Bem, nesta hipótese, o animal tinha consciência do significado da hóstia? *Animal religioso?*

¹¹⁷ Cit., p. 86.

¹¹⁸ Atribuído a Tolstoi.

Recebido em 05 de outubro de 2011.

Aprovado em 09 de outubro de 2011.